a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

N.º 61 — outono de 2019

Onde se trata de lavradores, figueiras, pinheiros e outras curiosidades pseudoagrícolas

João Miranda
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

> «... e foi chamado (...) o lavrador, e esto porque lavrou muytos castellos e pobrou muytas villas e fez muyto bem.»
>
> *Crónica Geral de Espanha de 1344*

Embora o autor não se referisse ao rei que conhecemos pelo cognome de *Lavrador*, este trecho mostra que nem tudo o que luz é ouro e que, na terminologia medieval, um lavrador não era forçosamente um agricultor, nem sequer um rei que (como hoje o FEAGA e o FEADER) desse muitos auxílios à agricultura, mas sim um «empreendedor».

Pois é, a onomástica e a toponímia estão cheias de «falsos amigos». Um bom exemplo disso são os fitónimos (localidades com nomes de árvores ou outras plantas), em especial quando no singular. Por exemplo, as localidades designadas por «Figueira» e «Pinheiro» não têm, em geral, grande coisa a ver com as espécies dos géneros *Ficus* e *Pinus*. A primeira vem do latim «Ficaria» (local onde as pessoas se estabelecem, ou ficam)(1); no segundo caso, trata-se de uma confusão com a forma primitiva «Pineiro», localidade situada num ponto alto (ou seja, «empinada» — aliás, em Castela, há localidades chamadas «El Pino» e «Pinar», situadas em pontos elevados).

As «Oliveiras», por exemplo, também pouco ou nada têm a ver com a árvore que dá azeitonas, sendo uma hipercorreção pseudoerudita de «Ulveira» (do latim *Ulvaria*, zona pantanosa, turfeira, charneca). Assim, «Oliveira do Hospital» não é mais do que uma localidade situada numa charneca que pertencia à Ordem dos Hospitalários, e «Oliveira do Douro» um povoado localizado numa charneca perto do dito rio. E, por falar em água, os «Pessegueiros» são mais «Pesqueiros» (zonas com bom peixe) do que outra coisa. É o caso da ilha do Pessegueiro.

Se alguém nos perguntar onde fica um determinado local, a nossa tendência instintiva é dar indicações baseadas no ambiente físico que as rodeia e na sua aparência. Assim, desde tempos imemoriais (em que não havia GPS nem sequer mapas Michelin ou outros), as gentes davam às povoações, aos rios e aos montes nomes que descrevessem as suas características, para serem bem reconhecidos. Os primeiros a chegar «batizavam» e os seguintes ora traduziam para a sua língua ora adaptavam foneticamente e deturpavam, se a palavra fosse ininteligível. Por vezes, acrescentavam ao nome original, que entretanto se tornara «opaco», o nome na sua língua, produzindo curiosas tautologias, por vezes múltiplas[2]. Como a Europa (e a «Espanha»[3], em particular) foi, desde há vários milénios, uma encruzilhada de culturas em que se sucederam — e coexistiram — povos que falavam línguas de famílias diferentes, desde o basco (iberos) e o fenício até aos falares célticos, as coisas cedo terão começado a divergir. Com a chegada dos romanos, parecem tender para uma certa uniformização, mas, posteriormente, com os suevos e godos, complicam-se de novo; os povos de língua árabe dão mais uma importante achega, e as migrações e povoamentos medievais vêm dar a demão final ao mosaico toponímico e onomástico que conhecemos[4].

Uma rápida olhada pelos mapas permite ver que algumas sílabas, em especial prefixos, se repetem com alguma frequência e, se pensarmos bem, parecem estar associados a rios e montes. Por exemplo, Arganil tem em comum com a minhota serra de Arga[5] a raiz *Arg-* e o facto de se situar em altitude, tal como a vizinha Góis, que vem do basco *Goietxe*, «casas altas» (assim, estas localidades têm, provavelmente, o mesmo nome — algo como «Casais da Serra» — em duas línguas distintas). Continuando o percurso orográfico, podemos também reparar que várias serras e localidades que se situam em pontos elevados têm nomes que incluem a sílaba *(a)Mar* (Marão, Marofa, Amarante, Amares e, talvez, a alentejana Amareleja). E, já agora, a galega Baiona e a francesa (e basca) Bayonne podem ter algo em comum com a beiroa Baião (e talvez mesmo com a alentejana Vaiamonte, que seria uma espécie de tautologia) — possivelmente o facto de se localizarem numa elevação à beira-mar, ou junto a um curso de água. Para terminar a incursão orográfico-mineral, pensemos nas Carreiras, nos Carreiros, nos Carregais e na serra da Carregueira (e, quiçá, no francês «carrière»...). O prefixo *Carr-* é, ainda hoje, recorrente em topónimos célticos, em especial na Bretanha, e tem a ver com zonas onde existem pedreiras (ou cascalho proveniente da exploração de antigas pedreiras).

E o que dizer de Loures, Lourel, S. João de Loure, Louriceira, Louriçal e da alentejana ribeira de Ana Loura? Será que têm alguma coisa a ver com o rio Loire? Se calhar até têm — a característica comum é que são rios, ou ribeiros, que correm numa planície ou várzea, ou povoados junto destes.

Passemos à onomástica. Muitos apelidos derivam dos topónimos dos locais de onde seriam originários os respetivos titulares. Debrucemo-nos sobre o caso de um personagem da História mais ou menos recente, consoante as gerações — Salazar. O mapa da península Ibérica mostra-nos que existem localidades com esse nome, nomeadamente em Navarra. O sufixo *Azahar* (qualquer semelhança com «azar» é pura coincidência) ainda hoje, em basco, significa «velho», «antigo». Assim, para um basco dos nossos dias, a palavra é ainda relativamente transparente. Parece significar «Casas Velhas», «Aldeia Velha» ou (em terminologia alentejana), «Monte Velho». Curiosa ironia para o manda-chuva de um Estado que se pretendia «Novo»…

E isto leva-nos à própria origem do nome de Portugal. Sempre ouvimos dizer que deriva de *Portus+Cale*. Mas qual seria a origem deste *Cale*? Embora haja ainda quem sugira que possa derivar do grego *καλός* (pelo que «Portucale» seria um híbrido latim-grego que significaria «Porto Belo»), a grande maioria aponta para uma origem céltica, dado que os topónimos em *Cal-* são muito abundantes em toda a fachada atlântica (e não só) do continente europeu. Seria talvez o nome de uma divindade? Ora, o que terão em comum a francesa «Calais» e as «Calas» das ilhas Baleares (e até as «calhetas» das ilhas atlânticas)? São praias com «calhaus» (falésias rochosas — calcárias, graníticas ou basálticas) como pano de fundo. Embora a teoria do «Porto Belo» fosse romântica e atraente, a realidade deve ser mais comezinha. Será, pois, provavelmente, «porto da localidade que fica numa enseada rodeada de falésias». É assim, por muito que se queira fugir, o nosso planeta é feito essencialmente de pedras e água.

Para mais detalhes sobre esta matéria tão curiosa, convida-se o leitor a consultar o excelente blogue «Toponímia Galego-Portuguesa e Brasileira»[6], da autoria de José Cunha Oliveira.

Joao-Manuel.Miranda@ec.europa.eu

---

(1) As variantes «Figueiró» e «Figueiros», derivam, pelos vistos, de outras declinações da mesma palavra latina.
(2) Caso, p. ex. do Vale de Aran, nos Pireneús (etimologicamente: «vale do vale») ou do rio Guadiana («rio do rio do rio»), bem como da «Ribeira de Ana Loura» abaixo referida.
(3) O termo que deu origem ao latim *Hispania* parece ser fenício e significar «terra dos coelhos».
(4) Como sugere o cronista em epígrafe, muitas terras portuguesas foram (re)povoadas, nos sécs. XII e XIII, por migrantes oriundos da Galiza e de outras zonas da «Espanha», como Castela e Navarra, e mesmo por occitanos, gentes essas que imprimiram frequentemente nas terras a sua marca linguística de origem.
(5) Outra provável tautologia, neste caso latino-céltica.
(6) Oliveira, J. C., *Toponímia Galego-Portuguesa e Brasileira*, http://toponimialusitana.blogspot.com/.

A dificuldade de tradução da Bíblia no Japão nos séculos XVI-XVII

Mamiko Sakamoto
Doutoranda em Tradução pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto

[Nova versão do artigo «Equivalência dinâmica de Nida e a tentativa de tradução da Bíblia no Japão no século XVI-XVII», originalmente publicado na revista *Cultura e Tradução*, vol. 3, n.º 1, 2014]

A primeira tentativa de tradução da Bíblia no Japão teve lugar no século XVI na sequência da missão de evangelização deste país lançada por S. Francisco Xavier. O processo de tradução da Bíblia revelou-se extraordinariamente complexo pela distância cultural que separava a língua portuguesa da língua japonesa e, ao longo do tempo, foi pontuado por diversas tentativas.

Eugene Nida[1] fornece uma explicação para este processo evolutivo e o resultado a que se chegou, após várias tentativas de tradução. Propôs a ideia de «equivalência dinâmica», argumentando que a relação entre o recetor e a mensagem deve ser substancialmente idêntica àquela que existe entre o emissor e a mensagem originais. No entanto, quando o tema do texto original não é reconhecido pela cultura recetora, será possível fazer uma tradução, utilizando termos já existentes na língua do recetor, sem causar confusão? É este o tema de estudo do presente artigo.

A teoria da equivalência dinâmica de Eugene Nida

A obra de Nida[1] trouxe uma nova perspetiva ao estudo da tradução que permite encarar a tradução da Bíblia sob um novo ângulo. Ao contrário do foco tradicional da tradução cujo centro de atenção é a forma e a estrutura gramatical da mensagem, o seu ponto de vista centra-se na reação do recetor da mensagem traduzida, defendendo que o conteúdo traduzido deve ter um impacto global o mais próximo possível do da mensagem original em relação ao recetor original[2].Nida define a tradução como «*reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source-language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style*»[3], dando maior importância à transmissão da mensagem do texto e, ao mesmo tempo, salientando a sua essência em três palavras-chave: «*closest*», «*natural*» e «*equivalent*»[4].

Deste modo, Nida estabelece dois tipos de equivalência: a equivalência formal e a equivalência dinâmica. A primeira refere-se à tradução que respeita a simetria entre duas formas linguísticas, como

por exemplo, traduzir a expressão em japonês 朝飯前 como «antes do pequeno-almoço». Por outro lado, o segundo tipo de equivalência proposto por Nida é a denominada «equivalência dinâmica», a tradução que reproduz um valor cultural igual ou equivalente, ou seja, utilizando o mesmo exemplo anterior, traduzir 朝飯前 como «*it's a piece of cake*» em inglês ou «é canja» em português. Nida define esta equivalência do seguinte modo: «*quality of a translation in which the message of the original text has been so transported into the receptor language that the RESPONSE of the RECEPTOR is essentially like that of the original receptor*s»[(5)].

Por conseguinte, de acordo com Nida[(2)], a melhor tradução não parece uma tradução. Um texto bem traduzido deve ser naturalmente equivalente ao texto original, produzindo o mesmo efeito cognitivo e emocional sobre o recetor da língua de chegada. Por outras palavras, não deve apresentar qualquer elemento «estrangeiro». Por outro lado, o próprio Nida assume que a reação dos recetores nunca será idêntica, uma vez que os contextos cultural e histórico são diferentes[(6)]. Christiane Nord[(7)] designa esta diferença como «*rich point*», o ponto em que as diferentes convenções de comportamentos podem causar conflitos de comunicação.

Perante estes dois aspetos, surgiram duas questões: até que ponto podemos reproduzir a mensagem através de equivalência dinâmica e como devemos lidar com o «*rich point*»? Procurámos respostas na história da tradução da Bíblia no Japão, um exemplo em que podemos observar claramente a «lacuna cultural» no âmbito da tradução.

O contexto histórico

Como já foi referido, a primeira tentativa de tradução da Bíblia para a língua japonesa ocorreu na sequência da chegada de S. Francisco Xavier ao Japão, em 1549, com o intuito de evangelizar este país.

Dois anos antes, S. Francisco Xavier tinha conhecido durante a sua estadia em Malaca, em dezembro de 1547, um japonês chamado Anjirô (ou Yajirô segundo alguns documentos históricos) natural de Cagoxima, na ilha de Quiuxu. Anjirô tinha cometido um crime na sua terra e procurou refúgio num navio português. O japonês acabou por se familiarizar com os princípios do cristianismo, o que o levou a arrepender-se do crime que tinha cometido e a procurar a pessoa certa para o confessar.

Foi o encontro entre S. Francisco Xavier e Anjirô que fez nascer a esperança de evangelizar o país do Sol nascente. Anjirô entrou para o Colégio de São Paulo em Goa, onde estudou a Bíblia. Cinco meses depois, o japonês foi batizado, tornando-se o primeiro católico japonês. Mais tarde, Anjirô acompanhou S. Francisco Xavier na sua viagem ao Japão como um dos colaboradores principais da evangelização deste país.

Anjirô deve ter sido a primeira pessoa que tentou traduzir a Bíblia para japonês. Norihisa Suzuki[(8)] avança que a tradução de Anjirô deve ter sido uma tradução invulgar, uma vez que ele substituiu os termos cristãos por termos budistas.

É importante mencionar que na sequência de um pedido de S. Francisco Xavier, Nicolao Lanchilloto, o reitor do Colégio de São Paulo em Goa, redigiu o relatório «Informação relativa ao Japão» a partir de informações fornecidas por Anjirô. De acordo com Hisashi Kishino[(9)], o relatório inclui informações sobre as religiões no Japão e a maioria dos termos mencionados são provenientes de uma escola budista designada xingom. Kishino argumenta que este fenómeno se deve ao facto de a escola budista xingom se encontrar amplamente divulgada na sociedade de Cagoxima[(9)].

Um dos exemplos é a tradução de «Deus». Vários estudos afirmam que, no início da sua visita ao Japão, S. Francisco Xavier exortava o povo japonês, dizendo «Vamos rezar por Dainichi». No início da evangelização do Japão, o termo budista Dainichi foi adotado como a tradução dinâmica de Deus. Dainichi ou Vairochana, é um dos cinco budas da meditação e é o maior buda que representa todo o

universo[9][10]. Literalmente designado «o grande Sol» (大日), é considerado como o buda central do universo, derivado do Sol.

No seu relatório, elaborado com a base na informação de Anjirô, Nicolao Lanchilloto escreveu «os japoneses acreditam em Dainichi como o Deus único»[11]. Para além do facto de S. Francisco Xavier ter estado na Índia, país de onde o budismo é originário, o facto de S. Francisco Xavier mencionar ao povo japonês o nome de Dainichi, no início da evangelização, levou a que até os monges budistas adquirissem um sentimento de afinidade com esta nova religião, que consideraram como uma nova escola budista[12]. Por esta razão, o início da evangelização teve um grande êxito.

Suzuki[12] considera que, ao contrário de ter sido sempre prudente na substituição de termos de uma religião específica por outra, S. Francisco Xavier acabou por os adotar após a leitura do relatório de Nicolao Lanchilloto por pensar que o conceito de Dainichi era bastante semelhante ao de Deus no cristianismo.

No entanto, o próprio S. Francisco Xavier se deu, entretanto, conta do seu erro de tradução. S. Francisco Xavier e o irmão Juan Fernández falavam com o povo duas vezes por dia, discutindo os fenómenos naturais e explicando o Deus criador, o pecado e a salvação. S. Francisco Xavier e os monges budistas debateram vários assuntos como a criação, o diabo e o inferno. Na sequência de longas discussões com monges budistas de várias escolas, S. Francisco Xavier começou a compreender a diferença entre Dainichi e Deus[13]. Além disso, Suzuki[12] revela que S. Francisco Xavier foi igualmente informado do facto de o termo dainichi poder fazer referência ao pronome da parte sexual. Por essas razões, S. Francisco Xavier começou a dizer ao povo, «Não se deve rezar por Dainichi».

Este erro de tradução deve-se à falta de conhecimento de Anjirô do cristianismo e à falta de conhecimento de S. Francisco Xavier da língua japonesa e do seu fundo sociocultural. Georg Schurhammer aponta o fraco domínio de S. Francisco Xavier da língua japonesa, referindo o facto de ele se ter limitado a acompanhar o seu colega, Juan Fernández, e que esse falava na realidade com o povo japonês[12][14].

Assim, S. Francisco Xavier deixou de utilizar o termo Dainichi, substituindo-o pelo termo latino «Deus». Nessa altura, os monges budistas compreenderam pela primeira vez a diferença fundamental entre o budismo e o cristianismo. O êxito do trabalho missionário levou a que o cristianismo ganhasse cada vez mais seguidores, promovendo a conversão do povo japonês ao cristianismo. Ofendidos, os templos budistas começaram a atacar o cristianismo promovendo assédios e perseguições. Uma das ações de retaliação foi divulgar a ideia de que o Deus cristão seria equivalente a «daiuso» (que significa «grande mentira» em japonês)[15] por a pronúncia das duas palavras ser muito semelhante. Os missionários foram deste modo confrontados com o dilema da tradução.

A terminologia religiosa no Japão do século XVI-XVII

De acordo com Suzuki[16], no que diz respeito à terminologia relativa à Igreja/religião, existem duas opções: uma é adotar o termo existente de uma outra religião, a outra é manter o termo original. Além destas duas formas, no que diz respeito ao japonês, existe uma outra opção: criar um novo termo combinando os carateres canjis. Schurhammer[14] indica o exemplo de «Tenxu», o termo utilizado por Matteo Ricci no seu livro publicado na China[17].

Schurhammer menciona igualmente o nome de Baltazar Gago, um missionário da Companhia de Jesus que alertou para os problemas que poderiam surgir na sequência da substituição de termos cristãos pelos termos budistas[18]. Consciente do perigo que representava uma má interpretação causada pela utilização de termos budistas, Baltazar Gago promoveu uma «revolução de termos» em mais de cinquenta palavras, afirmando que são necessárias novas palavras para os novos conceitos. Tendo em conta o relatório de Baltazar Gago, Melchior Nunes, superior da província que visitou o Japão, sublinhou a necessidade de utilizar os termos originais para evitar potenciais mal-entendidos,

como por exemplo, em vez de substituir «Deus» por «Buda» (*Fotoque*) ou «espírito» por «alma» (*tamaxe*), utilizar «*Dios*» e «*anima*» ou «*spiritu*».

A partir do momento em que os missionários se tornaram conscientes do risco da utilização dos termos budistas, deixou-se de substituir facilmente os conceitos essenciais cristãos por japoneses, nomeadamente pelos conceitos budistas, e começou-se a utilizar os termos originais em português ou latim. Seguem-se alguns exemplos(19):

Anima	アニマ (*anima*)
Anjo	アンジョ (*anjo*)
Baptismo	バウチズモ (*bauchizumo*)
Beato	ベアト (beato)
Cruz	クルス (*kurusu*)
Deus	デウス (*deusu*)
Gloria	ゴラウリヤ (*gorauria*)
Graça	ガラサ (*garasa*)
Igreija	イゲレイジヤ (*igereijiya*)
Inferno	インヘルノ (*inheruno*)
Justiça	ジュスチイサ (*jusuchiisa*)
Pão	パン (*pan*)
Paraiso	パライゾ (*paraizo*)
Penitentia	ペニテンシヤ (*penitenshiya*)
Proximo	ポロシモ (*poroshimo*)
Satanas	サタナス (*satanasu*)
Spirito	スピリト (*supirito*)
Tentação	テンタサン (*tentasan*)
Testamento	テスタメント (*tesutamento*)

Apesar de já terem existido expressões japonesas correspondentes a alguns termos como «inferno» (地獄) ou «justiça» (義), estas foram possivelmente consideradas inadequadas para os conceitos cristãos, por terem origem em conceitos budistas e confucionistas, respetivamente. Por outro lado, os termos que não dão lugar a equívocos foram substituídos por objetos familiares como, por exemplo, traduzir «figo» por «dióspiro», «satanás» por «*tengu*» (um duende de nariz comprido) e «pão» por «*mochi*» (bolo de massa de arroz)(20). Assim, a tradução da Bíblia no Japão mantém como estratégia o princípio da utilização dos termos adaptados à língua original, até se entrar no período de perseguição cristã e de proibição do cristianismo.

Conclusão

Como temos vindo a mostrar, a experiência da tradução da Bíblia no Japão é um dos exemplos que ilustram a dificuldade de introduzir, através da tradução, conceitos que não fazem parte da cultura recetora. Apenas é possível aplicar a teoria de equivalência dinâmica de Nida(1) quando existe um conceito de base igual ou semelhante no fundo sociocultural subjacente em ambos os lados. Evocando um caso extremo, e utilizando de novo o exemplo mencionado no início do presente artigo, a expressão japonesa 朝飯前 não terá qualquer tipo de equivalência se a cultura recetora não tiver um conceito próprio de «uma coisa muito fácil». Os exemplos dos termos eclesiásticos acima apresentados constituem bons exemplos de que a equivalência dinâmica não é viável quando não existe um conceito semelhante na cultura recetora ou o conceito já existente for substancialmente distinto.

Neste caso, não é aconselhável substituir o elemento com características culturais por um outro elemento na cultura de chegada, mas sim, manter propositadamente essa distância cultural para que os

recetores reconheçam a diferença e entendam o novo conceito. Nord[7] sublinha que um tradutor deve estar ciente desta diferença cultural (a autora designa-a por «*rich point*») entre grupos no que diz respeito à barreira linguística e cultural, mesmo que decida manter a barreira para ajudar as pessoas de ambos os lados a compreender a «outridade». Liu[21] afirma também que é aceitável um certo grau de «estranheza» na tradução especialmente quando pela primeira vez são introduzidos novos termos no início de uma comunicação cultural.

A questão que se levanta aqui é a função da tradução. Na nossa opinião, nesta primeira fase de evangelização do Japão, a tradução da Bíblia para a língua japonesa teve como objetivo prioritário introduzir o conceito do cristianismo e transmitir a ideia da Bíblia em geral. Considerando que o ato de traduzir à força alguns termos cristãos para o japonês trazia consequências prejudiciais para o objetivo principal, os missionários optaram por manter a lacuna cultural, fazendo com que estes novos conceitos se enraizassem na sociedade japonesa.

mamiko.sakamoto.eu@gmail.com

---

(1) Nida, E. A., Taber, C. R., *The Theory and Practice of Translation*, E. J. Brill, Leiden, 1969.
(2) Nida, E. A., Taber, C. R., *op. cit.*, p. 22.
(3) Nida, E. A., Taber, C. R., *op. cit.*, p. 12.
(4) Liu, D., «Dynamic Equivalence and Formal Correspondence in Translation between Chinese and English», *International Journal of Humanities and Social Science*, vol. 2, n.º 12, edição especial, junho de 2012, p. 243, http://www.ijhssnet.com/journal/index/1092.
(5) Nida, E. A., Taber, C. R., *op. cit.*, p. 200.
(6) Nida, E. A., Taber, C. R., *op. cit.*, p. 24.
(7) Nord, C., «Making Otherness Accessible Functionality and Skopos in the Translation of New Testament», *Meta: Translators' Journal*, vol. 50, n.º 3, agosto de 2005, p. 870, https://id.erudit.org/iderudit/011602ar.
(8) 鈴木範久, 聖書の日本語, 岩波書店, 東京, 2006, p.3.
(9) 岸野久, ザビエルと日本: キリシタン開教期の研究, 吉川弘文館, 1998, p. 213.
(10) 北原保雄編, 明鏡国語辞典, 第二版, 大修館書店, 2011-2016.
(11) 千代崎秀雄, 日本語になったキリスト教のことば, 第 3 版, 講談社, 東京, 1997, p. 111.
(12) 鈴木, *op. cit.*, p. 4.
(13) フィステル, パウロ, 聖フランシスコ・ザビエルの歩いた道, 第 2 版, 中央出版, 東 京, 1984, p. 81.
(14) Citado em 鈴木, *op.cit.*, p. 5.
(15) 五野井隆史, 日本キリスト教史, 吉川弘文館, 東京, 1990, p. 43.
(16) 鈴木, *op. cit.*, p. 5-6.
(17) *Verdadeira Noção de Deus*, Nanchang, 1593-1596, publicado em Pequim.
(18) 鈴木, *op. cit.*, p. 6.
(19) 鈴木, *op. cit.*, p. 9-10.
(20) 海老沢有道, 日本の聖書 - 聖書和訳の歴史, 日本基督教団出版局, 東京, 1981.
(21) Liu, D., *op. cit.*, p. 246.

Uma década de nova toponímia

Paulo Correia
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

No século XXI, depois de Timor-Leste, que se tornou independente em 2002, apareceram novos países, como Montenegro e Sérvia, resultantes da cisão em 2006 do que ainda restava da ex-Jugoslávia[1], ou o Sudão do Sul, o último país a aceder à independência, em 2011, num caso quase único de alteração de fronteiras dos países africanos resultantes da descolonização. Embora não tenham surgido posteriormente novos países (prepara-se a independência da região autónoma de Bougainville), houve, porém, algumas novidades toponímicas.

Ao longo do século XX, vários países mudaram de cidade capital, geralmente para posições mais centrais, como foi o caso bem conhecido de Brasília. Já no século XXI, a Birmânia mudou a capital de Rangum para Nepiedó (my: နေပြည်တော်). Outros países mudaram apenas o nome da capital.

Apresentam-se em seguida os novos nomes de países e de capitais surgidos **na atual década**.

Novos nomes de países

1. <u>Chéquia (02.05.2016)</u>

> *Do databází UNTERM (United Nations Terminology Database) a UNGEGN (United Nations Group of Experts on Geographical Names) budou notifikovány jednoslovné názvy v oficiálních jazycích OSN, v nichž jsou zmíněné databáze vedeny. Jde o: Czechia (ang.), Tchéquie (fr.), Chequia (šp.), Чехия (rus.) a dále v arabštině a čínštině. Nejedná se o změnu formálního názvu ČR používaného při oficiálních příležitostech.*(2)

A adoção para a República Checa de um nome comum distinto do nome oficial não terá sido imediata no próprio idioma checo. A necessidade de cunhar um nome comum tornou-se mais evidente com a separação em 1993 da antiga Checoslováquia (cs: Československo) em dois países independentes. Acabou por prevalecer a forma Česko.

> Československo > Česko + Slovensko

Assim, Slovensko deu Eslováquia e Česko dá **Chéquia**.

As autoridades checas aprovaram em 2016 a inclusão de um nome curto para o país na base de dados de toponímia da ONU, correspondente ao (novo) nome curto da República Checa(3):

> en: Czechia
> fr: Tchéquie (la)
> es: Chequia
> ru: Чехия
> zh: 捷克
> ar: تشيكيا

Por solicitação das autoridades checas as instituições europeias adotaram também formas curtas para o nome da República Checa nas várias línguas oficiais, formas registadas em 2018 nos respetivos códigos de redação interinstitucionais.

bg: Чехия	es: Chequia	hu: Csehország	pl: Czechy
cs: Česko	et: Tšehhi	it: Cechia	pt: Chéquia
da: Tjekkiet	fi: Tšekki	lt: Čekija	ro: Cehia
de: Tschechien	fr: Tchéquie	lv: Čehija	sk: Česko
el: Τσεχία	ga: an tSeicia	mt: iċ-Ċekja	sl: Češka
en: Czechia	hr: Češka	nl: Tsjechië	sv: Tjeckien

A Chéquia é formada pela Boémia (Čechy), Morávia (Morava) e uma pequena parcela da Silésia.

> **Atenção:** não confundir Česko — Chéquia — com Čechy — Boémia.

Observação: não há notícia de o Reino Unido, os Estados Unidos ou a República Dominicana pensarem seguir caminho semelhante.

2. Essuatíni (19.04.2018)

> *MBABANE — It is now official. The name change of the country to Kingdom of Eswatini has been gazetted. The gazette was signed by His Majesty King Mswati III, and is titled 'Legal Notice No.80 of 2018'.*[(4)]

A «mudança» de nome da Suazilândia já foi abordada em artigo publicado no n.º 57 d'«a folha» — «Bassutolândia, Bechuanalândia e Suazilândia»[(5)].

O aportuguesamento **Essuatíni** (ss: eSwatini) tem em conta o facto de, na ortografia das línguas bantas disseminada pelos missionários protestantes anglo-americanos, o *s* representar o som /s/ e não o som /z/ que lhe corresponde em português numa posição intervocálica.

Ainda no âmbito das línguas bantas, alguns exemplos de topónimos moçambicanos em que *ss* foi igualmente utilizado para representar o som /s/ intervocálico[(6)]:

> Niassa — Nyasa
> Caora Bassa — Kahora Basa
> Inhassoro — Inyasoro
> Quissanga — Kisanga
> Massangena — Masanjena

Observação: tal como Quinxassa[(7)] é o aportuguesamento de Kinshasa, não deveria ser também **Lessoto** o aportuguesamento de Lesotho (país dos sotos)?

3. Macedónia do Norte (12.02.2019)

> *а) Официјалното име на Втората страна ќе биде „Република Северна Македонија“, што ќе претставува уставно име на Втората страна и ќе се употребува erga omnes, како што е предвидено во оваа спогодба. Скратеното име на Втората страна ќе биде „Северна Македонија“.*[(8)]

Com o acordo de Prespa a Grécia e a designada antiga República jugoslava da Macedónia (ARJM) encerraram um longo diferendo sobre o nome República da Macedónia, adotado pela República Socialista da Macedónia após a separação da Jugoslávia em 1991.

Ficou acordado o nome **República da Macedónia do Norte**, ou **Macedónia do Norte** (mk: Северна Македонија). Em contrapartida, imediatamente a sul, mantém-se inalterado o nome **Macedónia** (el: Μακεδονία), nome de região grega, subdividida em: Macedónia Ocidental (el: Δυτική Μακεδονία), Macedónia Central (el: Κεντρική Μακεδονία) e Macedónia Oriental (el: Ανατολική Μακεδονία).

No entanto não há acordo em relação ao uso do gentílico ou adjetivo regular **norte-macedónio**. Reproduz-se o que está publicado a este respeito no *Código de Redação Interinstitucional* (CRI)[(9)]:

> (MK1) — [gentílico] Macedónia do Norte:
> Nos termos do Acordo de Prespa, a referência «macedónio/cidadão da República da Macedónia do Norte» deve ser usada na íntegra.
> (MK2) — [adjetivo] Macedónia do Norte:
> A referência adjetiva ao Estado, aos seus órgãos oficiais e a outras entidades públicas, bem como a entidades e intervenientes privados relacionados com o Estado, instituídos por lei e que beneficiem de apoio financeiro do Estado para atividades fora do país deve ser conforme com a designação oficial ou abreviada, que é «da República da Macedónia do Norte» ou «da Macedónia do Norte». Em nenhum dos casos acima referidos podem ser usadas outras referências adjetivas, como «norte-macedónio» ou «macedónio».
> Noutros contextos, incluindo as referências a entidades e intervenientes privados, que não estejam relacionados com o Estado e as entidades públicas, não sejam instituídos por lei e não beneficiem de

> apoio do Estado para atividades fora do país, pode ser usado o adjetivo «macedónio». O adjetivo «macedónio» pode também ser usado para as atividades, sem prejuízo do processo estabelecido pelo Acordo de Prespa sobre denominações comerciais, marcas comerciais e designações comerciais, nem dos nomes compostos de cidades existentes à data da assinatura do Acordo de Prespa.

Exemplos de utilização, de acordo com o CRI, evitando norte-macedónio/a(s):

> Um francês, um grego, um sul-coreano e um **macedónio/cidadão da República da Macedónia do Norte**.
> Um vinho **macedónio**.[10]
> Um vinho **da Macedónia do Norte**.
> As autoridades **da República da Macedónia do Norte**.
> A capital **da Macedónia do Norte** é Escópia (mk: Скопје).

Novas capitais

1. Guitega (24.12.2018)

O Burundi decidiu recentemente mudar a capital oficial para **Guitega** (rn: Gitega), a segunda maior cidade, situada próximo do centro geográfico do país. Bujumbura continua a ser a capital económica e a maior cidade do Burundi.

Outros exemplos de capitais africanas que mudaram para posições mais centrais:

1974	Tanzânia: Dodoma (antes: Dar es Salã)
1975	Maláui: Lilongué (antes: Zomba)
1983	Costa do Marfim: Iamussucro (antes: Abijã)
1991	Nigéria: Abuja (antes: Lagos)

No Burundi há duas línguas oficiais, o rundi (rn: *kirundi*) e o francês, a que se junta o inglês, sendo o rundi a língua nacional. A língua rundi faz parte da grande família banta, em cujos sistemas ortográficos a letra g tem sempre o som /g/ e não o som /ʒ/, como acontece em português com o *g* antes de *e* ou *i*.

Assim sendo, o aportuguesamento mais próximo do rundi será **Guitega** [gitéga], e não Gitega [ʒitéga], como pode ser confirmado em gravações das autoridades burundianas. Exemplo:

> Ishusho ry'Umurwa Mukuru wa Poritike w'Uburundi: GITEGA (ouvir: > 37”)[11]

Enfim, a adoção da grafia Gitega seria o equivalente a, em Angola, chamarmos Bengela (umb: Mbengela) a Benguela[12], Menonge a Menongue ou Galange a Galangue.

Observação: porque não aproveitar para adaptar o nome da moeda essuatiniana, passando de lilangeni [lilẽʒəˈni] a **lilanguéni** [lilẽˈgəni]? Essa adaptação está confirmada em gravação do Banco Central de Essuatíni:

> E100 and E200 (Lilangeni) banknotes (ouvir: > 43”)[13]

Aliás, ao aportuguesar convém estar atento às sequências «ge» e «gi» (ou mesmo «gy») noutros alfabetos ou romanizações, especialmente quando é o inglês que serve de referência. Alguns exemplos:

urdu: گلگت —	en: Gilgit; pt: **Guilguite** (Caxemira paquistanesa)
japonês: *gyōza*, ギョーザ, ギョウザ —	en: *gyoza*; pt: **guioza** (ravióis japoneses)

2. Nur Sultã (20.03.2019)

Contrariamente ao Burundi, o Cazaquistão não mudou de capital, mudou apenas o nome da capital.

O Cazaquistão independente já tinha mudado uma vez de capital. Até 1997, a capital foi a cidade de Alma Ata (kk: Алматы), a maior cidade cazaque, situada no extremo sudeste do país. Etimologicamente, o nome Alma Ata, depois Almati, está relacionado com maçãs (kk: *алма*). Em 1997 a capital cazaque mudou-se para uma cidade mais cêntrica, Tselinogrado («cidade das Terras Virgens») — então rebatizada Astana (o que em cazaque quer dizer simplesmente «cidade capital»). No início de 2019, com a renúncia do presidente cazaque Nazarbaieve, foi decidido dar um novo nome à capital, passando de Astana a **Nur Sultã** (kk: Нұр-Сұлтан), nome inspirado no nome próprio do antigo presidente (Нұрсұлтан).

Em árabe, Nur (نور) significa «luz», pelo que Nur Sultã significa qualquer coisa como «Rei Luz». Recordar a antiga rainha Nur da Jordânia.

A grafia Nur Sultã (e não Nur-Sultã) justifica-se por em português ser tradição manter separados e sem hífenes topónimos estrangeiros compostos. Exemplos:

Bruxelas Capital
Burquina Fasso — Terra dos Honestos
Seri Lanca — Ilha Resplandecente
Seri Jaiavardenapura Cota — Cidade Resplandecente da Crescente Vitória de Cota
Brunei Darussalã — Brunei Casa da Paz
Bandar Seri Begauã — Cidade da Aura dos Deuses
Ulã Bator — Herói Vermelho

As exceções à regra vêm curiosamente de topónimos de países de língua portuguesa, que se afastam dessa regra, por exemplo, no texto das respetivas constituições:

Guiné-Bissau
Timor-Leste

Na calha… (que a segunda década do século XXI só termina no final de 2020)

1. Bougainville — independência de Papua-Nova Guiné

Caso a atual Região Autónoma de Bougainville opte pela independência e pretenda manter o mesmo nome, o Grupo Interinstitucional de Terminologia Portuguesa deverá pronunciar-se sobre a designação em português do novo país:

- Será Buganvília? Buganvila? Buganvile? Como no caso da ilha Maurícia(14) ou das ilhas Seicheles(15).
- Será Bougainville? Como no caso das ilhas Marshall[16].

Observação: tal como o nome da ilha, o nome de planta «buganvília» vem de Louis de Bougainville, navegador francês (1729-1811), pelo francês *bougainvillée*.

Com a independência, haverá uma capital: Buca. Prevê-se que a capital possa em breve ser transferida para Araua.

2. Filipinas/Maarlica

Antes da chegada de Fernão de Magalhães em 1521 e do domínio espanhol, as Filipinas eram constituídas por uma série de reinos e possessões. O nome Filipinas data de 1542 e homenageia o príncipe Filipe, que viria a ser mais tarde Filipe II de Espanha(17) (e I de Portugal).

Entre 1587 e 1588 os espanhóis enfrentam uma sublevação dos maarlicas ou fidalgos, da baixa nobreza tagalogue da ilha de Lução. Em tagalogue, maarlica viria a significar «homens livres».

É **Maarlica** (tl: Maharlika) o novo nome que o presidente filipino Rodrigo Duterte propõe para as Filipinas. Se a ideia for para a frente, restarão na toponímia do Pacífico Ocidental, como testemunho da presença espanhola, as **ilhas Marianas** (em homenagem à rainha Mariana de Áustria, mulher de Filipe IV de Espanha), as **ilhas Carolinas** (em homenagem a Carlos II de Espanha) e as **ilhas Marquesas** (em homenagem ao marquês de Canhete, vice-rei do Peru). Estas ilhas estão situadas na rota da antiga carreira das Filipinas, que ligava o arquipélago à América espanhola.

3. Jacarta/?

Enquanto a cidade de Jacarta, construída em terrenos pantanosos costeiros, se afunda por problemas de assentamento (2,5 m na última década) conjugados com a previsível subida do nível do mar, as autoridades indonésias planeiam mudar a capital para uma nova cidade a construir próximo do centro geográfico do país, em Calimantã (a parte indonésia da ilha de Bornéu).

Cidades candidatas: Palangka Raya, Tanah Bumbu, Penajam(18). Com eventual novo nome.

4. Malabo/Cidade da Paz

A Guiné Equatorial (membro da CPLP) está a construir uma nova capital na parte continental do país (Rio Muni). A atual capital, Malabo, situa-se na ilha de Bioco (antes Fernão do Pó).

Sendo o português língua oficial da Guiné Equatorial, parece ser de considerar o topónimo **Cidade da Paz**, em paralelo com o espanhol Ciudad de la Paz.

Observação: Com o tratado de El Pardo (1778) Portugal cedeu à Espanha os territórios que agora formam a Guiné Equatorial em troca de territórios no sul do Brasil.

5. Dacar/Diamniadô

Dado o estrangulamento da atual capital senegalesa, Dacar, situada na pequena península do cabo Verde (o cabo que deu o nome ao país homónimo), projeta-se transferi-la 30 km para leste para o local do megaprojeto imobiliário e infraestrutural em curso em Diamniadô.

Na versão em linha do anexo A5 — Lista dos Estados, territórios e moedas — do *Código de Redação Interinstitucional*(19) será sempre dado destaque às últimas alterações ocorridas quer na toponímia quer nos nomes de moedas.

Paulo.Correia@ec.europa.eu

(1) Em contrapartida, a declaração de independência do Cossovo em 2008 não é reconhecida pela Sérvia, nem por muitos países da ONU. Na UE, Chipre, Espanha, Eslováquia, Grécia ou Roménia também não reconhecem o Cossovo.

(2) Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Checa, *Vláda schválila doplnění jednoslovného názvu Česko v cizích jazycích do databází OSN*, 2.5.2016/16.5.2017, https://www.mzv.cz/jnp/cz/udalosti_a_media/archiv_zprav/rok_2016/tiskove_zpravy/x_2016_05_02_vlada_schvalila_czechia.html.

(3) Base de Dados Terminológicos das Nações Unidas (UNTERM), *Search: Czechia*, https://unterm.un.org/unterm/search?urlQuery=Czechia.

(4) Motau, P., «Kingdom of Eswatini Change Now Official», *Times of Swaziland*, 18.5.2018, http://www.times.co.sz/news/118373-kingdom-of-eswatini-change-now-official.html.

(5) «Bassutolândia, Bechuanalândia e Suazilândia» *in* «a folha», n.º 57 — verão de 2018, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha57_pt.pdf.

(6) Instituto Internacional da Língua Portuguesa, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa*, http://voc.cplp.org/index.php?action=toponyms.

(7) Instituto Internacional da Língua Portuguesa, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, *Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa: Quinxassa*, http://voc.cplp.org/index.php?action=toponyms&id=7501.
(8) Governo da República da Macedónia do Norte, *Конечна спогодба за решавање на разликите опишани во резолуциите 817 (1993) и 845 (1993) на Советот за безбедност на Обединетите Нации, за престанување на важноста на Привремената спогодба од 1995 г. и за воспоставување на стратешко партнерство меѓу страните*, https://vlada.mk/sites/default/files/dokumenti/konechna_spogodba_makedonija_grcija.pdf.
(9) Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*, «Anexo A5 — Lista dos Estados, territórios e moedas: Macedónia do Norte», http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000500.htm#fn-mk1.
(10) Se o contexto permitir identificá-lo claramente como vinho **norte-macedónio**.
(11) YouTube, *Ishusho ry'Umurwa Mukuru wa Poritike w'Uburundi: Gitega*, Emissions TV 2è_VPR_BURUNDI, https://www.youtube.com/watch?v=Gw-nPkY84VY.
(12) O aportuguesamento Benguela, que precedeu a chegada dos missionários anglo-americanos a África, fez-se suprimindo a nasalização do «b» e mantendo o som /g/ recorrendo a um *u* mudo entre o *g* e o *e*.
(13) YouTube, *E100 and E200 (Lilangeni) banknotes*, Lindokuhle Sithole, https://www.youtube.com/watch?v=VG-pkwzX7N8.
(14) Em honra de Maurício de Nassau (1567-1625), príncipe de Orange, governante neerlandês.
(15) Em honra de Jean Moreau de Séchelles (1690-1761), ministro francês.
(16) Em honra de John Marshall (1748-1819), navegador britânico.
(17) Fazendo fé na imprensa portuguesa, o atual monarca espanhol — Filipe VI — perdeu o direito que a realeza europeia tinha de receber nomes aportuguesados, sendo referido com o seu nome espanhol — Felipe —, como será referido qualquer outro cidadão espanhol homónimo. A imprensa portuguesa parece reservar agora esse privilégio do aportuguesamento do nome apenas aos papas e santos.
(18) Palma, S., «Indonesia is ready to spend $33bn to move capital from Jakarta», *Financial Times*, 30.4.2019, https://www.ft.com/content/3f8f86ca-6af3-11e9-80c7-60ee53e6681d.
(19) Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*, «Anexo A5 — Lista dos Estados, territórios e moedas», http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000500.htm.

Traduções nossas de cada dia...

Jorge Madeira Mendes
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Os órgãos de comunicação social — e, muito em especial, a televisão — são hoje, provavelmente, o principal veículo de disseminação da língua. E são também o principal veículo da sua transformação. Erros que a televisão transmita, quer em programas falados quer em legendas de filmes ou documentários, rapidamente os interiorizará um público pouco exigente em matéria filológica.

Ora, muitos desses erros resultam da má preparação em Português que muitos tradutores e outros responsáveis pelas legendagens trazem dos bancos da escola. Trata-se, na sua maioria, de pessoas inexperientes que as empresas de conteúdos audiovisuais empregam, com a incumbência de produzirem um resultado rápido e o menos oneroso possível.

Ilustrando:

1) Uma frase em inglês como *Your Excellency, I am aware the Minister is away* não pode ser traduzida para português como «Sua Excelência, sei que o ministro se ausentou». Porque, nesta ocorrência, o termo *Your Excellency* constitui aquilo a que, em sintaxe, se chama «vocativo». E, em português, os títulos honoríficos, quando usados na forma de vocativo, não são regidos pelo adjetivo possessivo.

Assim, dizemos:

> «*Excelência, sei que o ministro se ausentou*»
> «*Majestade, quereis sentar-vos?*»
> «*Já comuniquei, Alteza, a nossa próxima ida*»
> «*Compareceremos em breve, Santidade*»...

Em contrapartida, estes mesmos títulos são, sim, acompanhados do adjetivo possessivo (que pode ser «Sua» ou «Vossa») quando, na frase, desempenham as funções sintáticas de «sujeito», «complemento direto» ou «complemento indireto».

Por exemplo:

> «*Sua Majestade chega amanhã*» [sujeito]
> «*Vi Sua Santidade na praça de S. Pedro*» [complemento direto]
> «*Vossa Majestade já recebeu a informação?*» [sujeito]
> «*O adido disse a Sua Excelência, o presidente, que não houve acordo*» [complemento indireto]
> «*O ministro apresentará Vossa Excelência ao embaixador*» [complemento direto]
> «*O ministro apresentará a Vossa Excelência o embaixador*» [complemento indireto].

Sou, infelizmente, levado a duvidar que muitos tradutores amadores de hoje conheçam o significado de vocativo, adjetivo possessivo, pronome possessivo, pronome pessoal, sujeito, complemento direto, complemento indireto... Estes conceitos gramaticais, que há umas décadas faziam parte dos programas de ensino primário, permitiam analisar e entender a lógica do discurso — porque, se uma língua não é um corpo de rigor matemático, por outro lado tampouco pode deixar de obedecer a regras de coerência e sentido.

2) Outro erro frequentíssimo (que ocorre, por exemplo, quando alguém atende um telefonema) é o de traduzir por «*Estou?*» a interjeição *Hello*.

Então eu, quando atendo um telefonema, pergunto ao meu interlocutor *se* estou?! Eu sei muito bem que estou (deste lado da linha), por isso digo «*Estou!*» (afirmo, que não é o mesmo que perguntar). Quando muito, posso perguntar «*Está? Está lá?*»

3) Uma das mais deselegantes tendências dos atuais escreventes de português é a inflação dos pronomes pessoais «eu» e «ele» (e, obviamente, também de «ela», «eles» e «elas»). Em português, as formas verbais costumam ser bastante específicas de cada pessoa. Por exemplo, «vou», «falo», «comecei», «comeu», «andariam» correspondem, inconfundivelmente, aos pronomes pessoais «eu», «ele/ela» e «eles/elas», pelo que é desnecessário e, portanto, pesado exprimir estes últimos.

Exemplos (alguns aparentemente caricatos, mas não muito afastados do que se lê e ouve):

> *Ele disse que ele não vem porque ele não pode. Ele está errado. Se ele quiser ele irá poder vir.*
> *A última vez que ela foi vista foi na segunda-feira. Ela deixou todos os bens dela onde ela estava hospedada. Ela está vestida com calças verdes e blusa amarela. Ela tem 33 anos.*
> *Se eu não pudesse usar os pés, eu usaria a cabeça, porque eu sei encontrar recursos mesmo quando eu não os vejo.*

De resto, o pronome pessoal nunca deve ser expresso quando o sujeito de uma determinada frase é o mesmo da frase anterior. Por exemplo:

> «*A leoa aproxima-se furtivamente. Ela lança-se então sobre a presa.*»

O sujeito não mudou da primeira frase para a segunda. Continua a ser «a leoa». Por isso, bastaria escrever «*A leoa aproxima-se furtivamente. Lança-se então sobre a presa*» (ou, de um modo ainda mais condizente com a tradição portuguesa: «*A leoa aproxima-se furtivamente e lança-se então sobre a presa*»).

Este erro resulta de se partir do princípio de que traduzir se resume a substituir, acriticamente, cada uma das palavras do texto original por algo que se lhe assemelhe na língua de destino. Adivinha-se o inglês: «*The lioness moves stealthily closer. She then jumps over the prey*». Ora, se está lá um *she*, pensa o tradutor amador, em português também tem de estar um «ela».

4) Dentro do mesmo espírito (colagem acrítica ao inglês), aparecem-nos designações de povos exóticos como «os Touareg». Ora, tal como os ingleses designam o povo que habita Portugal como *the Portuguese*, mas nós dizemos «os portugueses», também devemos dizer «os tuaregues» (com inicial minúscula e adaptação à nossa ortografia), independentemente de como os designem em inglês. E quem diz «os tuaregues» diz «os macuas» (e não «os Makwa»), os «macondes» (e não «os Makonde»), «os esquimós», «os comanches», «os apaches»... Ou teríamos também de começar a dizer «nós, os *Portuguese*, tivemos sempre muitos contactos culturais com os *French*»?

5) O caso dos adjetivos no singular é apenas outra de tantas ocorrências lamentáveis de degradação da língua portuguesa divulgadas pela comunicação social: «antílopes fêmea», «enguias bebé», «raios ultravioleta», «homens *gay*» etc. Dado, porém, que a estes me referi já no artigo *Tendências da língua portuguesa: as inócuas e as iníquas (VI)*[1], restrinjo-me por ora aos exemplos acima ilustrados.

jorge.mendes909@gmail.com

---

[1] «Tendências da língua portuguesa: as inócuas e as iníquas (VI)», *in* «a folha», n.º 54 — verão de 2017, p.13, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha54_pt.pdf.

Um aparte à parte (II)

Jorge Madeira Mendes
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Não diga /*êurò*/. Diga /*êuru*/.

Explicação:
A designação da moeda comum europeia não é uma abreviatura.

Em situações como *luso-espanhol*, *franco-alemão* ou *euro-americano*, os termos *luso-*, *franco-* e *euro-* são abreviaturas (respetivamente, de *lusitano*, *francês* e *europeu*). Sendo o *o* final aberto[1], estes termos pronunciam-se, respetivamente, /*lúsò*/, /*frâncò*/ e /*êurò*/.

Todavia, há termos, homógrafos destes, que não são abreviaturas mas sim substantivos de pleno direito:

1) O substantivo comum «luso» significa «lusitano» ou «português»; e o substantivo próprio «Luso» designa uma vila do concelho da Mealhada. Ora, não dizemos «este povo /*lúsò*/, que estudei durante umas férias no /*Lúsò*/». Dizemos: «este povo /*lúsu*/, que estudei durante umas férias no /*Lúsu*/».

2) O substantivo comum «franco» designa um povo bárbaro que se fixou no território do império romano onde hoje se situa a França; e também designava a moeda deste país antes do advento do euro. Ora, ninguém diria «há vinte anos, dediquei-me a estudar o povo /*frâncò*/, com o que gastei uma

porção de /*frâncòs*/». Diria: «há vinte anos, dediquei-me a estudar o povo /*frâncu*/, com o que gastei uma porção de /*frâncus*/».

Logicamente, a palavra «euro», quando não é a abreviatura de «europeu» mas sim o substantivo comum que designa a moeda comum europeia, deve pronunciar-se /*êuru*/, e não /*êurò*/, moda de pedantes que tanto se ouve atualmente na comunicação social portuguesa.

jorge.mendes909@gmail.com

---

(1) Importa assinalar que «aberto» não significa «tónico»; uma vogal pode ser aberta sem ser tónica, como, por exemplo, na palavra *esquecer*, em que a vogal *e* da segunda sílaba (-*que*) é aberta mas a vogal tónica é o *e* da última sílaba (-*cer*).

Comissão Europeia 2019-2024

Equipa linguística do Departamento de Língua Portuguesa
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Apresentam-se neste artigo as designações dos diferentes cargos dos 27 membros da designada **Comissão von der Leyen**, com as respetivas pastas(1). Chama-se ainda a atenção para aspetos práticos ligados ao uso dos cargos nos textos em português.

Na organização interna da nova Comissão Europeia 2019-2024, que entrou em funções a 1 de dezembro, há membros com funções executivas (**comissários**), membros com funções de coordenação (**vice-presidentes**) e membros com funções de coordenação e executivas (**vice-presidentes executivos**).

Vejam-se, como exemplo, os casos concretos dos cargos de Elisa Ferreira, Margaritis Schinas e ainda de Ursula von der Leyen e a forma como são referidos em textos correntes, como comunicados de imprensa, e como aparecem nas assinaturas de atos legislativos publicados no Jornal Oficial:

comissária Elisa Ferreira
comissária da Coesão e Reformas

Pela Comissão
Elisa FERREIRA
Membro da Comissão

vice-presidente Margaritis Schinas
vice-presidente da Promoção do Modo de Vida Europeu

Pela Comissão
Margaritis SCHINAS
Vice-Presidente

presidente Ursula von der Leyen
presidente da Comissão Europeia

Pela Comissão
A Presidente
Ursula VON DER LEYEN

Na lista apresentada em anexo indicam-se também as direções-gerais e serviços de apoio (incluindo agências de execução) tutelados e os organismos descentralizados (agências) e serviços interinstitucionais com que se relacionam(2). Para futuras atualizações dos serviços de apoio consultar

os pontos 9.5, «Estrutura administrativa da União Europeia: designações oficiais e ordem de citação», e 9.6, «Direções-gerais e serviços da Comissão: designações oficiais», do *Código de Redação Interinstitucional*[3].

O uso de maiúsculas e minúsculas tem em conta o disposto para os cargos no ponto 10.7 «Maiúsculas e minúsculas» do *Código de Redação Interinstitucional*[4].

Duas observações:

1. Notar que em português é comum usar o nome próprio e o apelido, sobretudo no caso das mulheres, o que não acontece necessariamente noutras línguas, como o inglês. A comissária Elisa Ferreira, nunca a comissária Ferreira (en: *Commissioner Ferreira*).

> *President elect von der Leyen, incoming Commissioner Gabriel, incoming Commissioner Wojciechowski and incoming Commissioner Ferreira are all committed to building on the success of this mandate.*[5]
>
> Proposta de tradução:
> A presidente eleita Ursula von der Leyen, a comissária indigitada Mariya Gabriel, o comissário indigitado Janusz Wojciechowski e a comissária indigitada Elisa Ferreira estão determinados a dar continuidade ao sucesso deste mandato.

2. Contrariamente ao termo «vice-presidente», o termo «comissário», de largo uso na imprensa e nas instituições europeias, não é utilizado no texto dos tratados[6], onde se fala apenas de presidente, de vice-presidentes e de demais membros da Comissão.

O termo **membro da Comissão** é obrigatório nos atos legislativos, nomeadamente nas assinaturas dos «demais membros». No entanto, noutros textos de interesse geral pode usar-se **comissário**, sobretudo se essa for também a opção nas outras versões linguísticas. É o caso do comunicado de imprensa, de 10 de setembro de 2019, em que a presidente eleita apresentava a composição e a estrutura da nova Comissão. O termo «comissário» é aí utilizado 11 vezes na versão portuguesa e 12 nas versões inglesa e francesa, contra zero ocorrências de «membro da Comissão»[7].

DGT-PT-LINGUISTIC-TEAM@ec.europa.eu

Comissão Europeia 2019-2024 — cargos, pastas e serviços

Membros da Comissão	**E-M**	**Designação dos cargos (não utilizada em atos jurídicos)** *(em inglês)* Pastas e serviços de apoio	**IATE**
Ursula von der Leyen Presidente	DE	**presidente da Comissão Europeia** *(President of the European Commission)* **Secretariado-Geral (SG)** **Serviço Jurídico (SJ)** **DG Comunicação (COMM)**, incluindo o Serviço da Porta-Voz (SPV) **Centro Europeu de Estratégia Política (CEEP)**	1161947
Frans Timmermans Vice-Presidente Executivo	NL	**vice-presidente executivo do Pacto Ecológico Europeu** *(Executive Vice-President for the European Green Deal)* *Funções de coordenação:* **Secretariado-Geral** *Funções executivas:* **DG Ação Climática (DG CLIMA)**	3582004

Margrethe Vestager Vice-Presidente Executiva	DA	**vice-presidente executiva de Uma Europa Preparada para a Era Digital** *(Executive Vice-President for a Europe Fit for the Digital Age)* *Funções de coordenação:* **Secretariado-Geral** *Funções executivas:* **DG Concorrência (DG COMP)**	3582005
Valdis Dombrovskis Vice-Presidente Executivo	LV	**vice-presidente executivo de Uma Economia ao serviço das Pessoas** *(Executive Vice-President for an Economy that Works for People)* *Funções de coordenação:* Secretariado-Geral *Funções executivas:* **DG Estabilidade Financeira, Serviços Financeiros e União dos Mercados de Capitais (DG FISMA)** *Organismos descentralizados:* Autoridade Bancária Europeia (EBA) Autoridade Europeia dos Seguros e Pensões Complementares de Reforma (EIOPA) Autoridade Europeia dos Valores Mobiliários e dos Mercados (ESMA) Comité Europeu do Risco Sistémico (CERS) Conselho Único de Resolução (CUR)	3582006
Josep Borrell Vice-Presidente	ES	**vice-presidente de Uma Europa mais Forte no Mundo** *(Vice-President for A Stronger Europe in the World)* **alto representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança** *(High Representative of the Union for Foreign Affairs and Security Policy)* *Funções de coordenação:* **Secretariado-Geral** **Serviço dos Instrumentos de Política Externa (FPI)** *Órgão de política externa:* **Serviço Europeu para a Ação Externa (SEAE)**	3582044 2242409
Maroš Šefčovič Vice-Presidente	SK	**vice-presidente das Relações Interinstitucionais e Prospetiva** *(Vice-President for Interinstitutional Relations and Foresight)* *Funções de coordenação:* **Secretariado-Geral** **Centro Comum de Investigação** (JRC) — apoio	3582050
Věra Jourová Vice-Presidente	CZ	**vice-presidente dos Valores e Transparência** *(Vice-President for Values and Transparency)* *Funções de coordenação:* **Secretariado-Geral**	3582051
Dubravka Šuica Vice-Presidente	HR	**vice-presidente da Democracia e Demografia** *(Vice-President for Democracy and Demography)* *Funções de coordenação:* **Secretariado-Geral** **DG Comunicação**	3582052
Margaritis Schinas Vice-Presidente	EL	**vice-presidente da Promoção do Modo de Vida Europeu** *(Vice-President for Promoting our European Way of Life)* *Funções de coordenação:* **Secretariado-Geral**	3582101

Johannes Hahn Membro da Comissão	AT	**comissário do Orçamento e Administração** *(Commissioner for Budget and Administration)* **DG Orçamento (DG BUDG)** **DG Recursos Humanos e Segurança (DG HR)** **DG Informática (DIGIT)** **DG Tradução (DGT)** **DG Interpretação (SCIC)** **Serviço Gestão e Liquidação dos Direitos Individuais (PMO)** **Serviço Infraestruturas e Logística — Bruxelas (OIB)** **Serviço Infraestruturas e Logística — Luxemburgo (OIL)** **Serviço das Publicações da União Europeia (OP)** **Organismo Europeu de Luta Antifraude (OLAF)** *Organismos descentralizados e serviços interinstitucionais:* Serviço Europeu de Seleção do Pessoal (EPSO) Escola Europeia de Administração (EUSA) Escolas Europeias Centro de Tradução dos Organismos da União Europeia (CdT)	3582046
Phil Hogan Membro da Comissão	IE	**comissário do Comércio** *(Commissioner for Trade)* **DG Comércio (TRADE)**	3582024
Mariya Gabriel Membro da Comissão	BG	**comissária da Inovação, Investigação, Cultura, Educação e Juventude** *(Commissioner for Innovation, Research, Culture, Education and Youth)* **DG Investigação e Inovação (DG RTD)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução do Conselho Europeu de Investigação (ERCEA) Agência de Execução para as Pequenas e Médias Empresas (EASME) Agência de Execução para a Inovação e as Redes (INEA) Agência de Execução para a Investigação (REA) *Outros organismos:* Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia (EIT) **DG Educação, Juventude, Desporto e Cultura (EAC)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para a Investigação (REA) Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA) **Centro Comum de Investigação (JRC)**	3582020
Nicolas Schmit Membro da Comissão	LU	**comissário do Emprego e Direitos Sociais** *(Commissioner for Jobs and Social Rights)* **DG Emprego, Assuntos Sociais e Inclusão (DG EMPL)** *Organismos descentralizados:* Autoridade Europeia do Trabalho (AET) Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional (Cedefop) Fundação Europeia para a Formação (ETF) Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho (EU-OSHA) Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho (Eurofound)	3582021

Paolo Gentiloni Membro da Comissão	IT	**comissário da Economia** *(Commissioner for Economy)* **DG Assuntos Económicos e Financeiros (DG ECFIN)** **DG Fiscalidade e União Aduaneira (DG TAXUD)** **Eurostat (ESTAT)**	3582022
Janusz Wojciechowski Membro da Comissão	PL	**comissário da Agricultura** *(Commissioner for Agriculture)* **DG Agricultura e Desenvolvimento Rural (DG AGRI)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para a Investigação (REA) Agência de Execução para os Consumidores, a Saúde, a Agricultura e a Alimentação (CHAFEA)	3582023
Thierry Breton Membro da Comissão	FR	**comissário do Mercado Interno** *(Commissioner for Internal Market)* **DG Redes de Comunicação, Conteúdos e Tecnologias (DG CNECT)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA) Agência de Execução para as Pequenas e Médias Empresas (EASME) Agência de Execução para a Inovação e as Redes (INEA) Agência de Execução para a Investigação (REA) *Organismos descentralizados:* Organismo de Reguladores Europeus das Comunicações Eletrónicas (ORECE) Agência da União Europeia para a Segurança das Redes e da Informação (ENISA) **DG Mercado Interno, Indústria, Empreendedorismo e PME (DG GROW)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para as Pequenas e Médias Empresas (EASME) Agência de Execução para a Investigação (REA) *Organismos descentralizados:* Agência Europeia dos Produtos Químicos (ECHA) Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia (EUIPO) **DG Indústria da Defesa e Espaço (DG DEFIS)** *Organismos descentralizados:* Agência do GNSS Europeu (GSA)	3582034
Elisa Ferreira Membro da Comissão	PT	**comissária da Coesão e Reformas** *(Commissioner for Cohesion and Reforms)* **DG Política Regional e Urbana (DG REGIO)** **DG Apoio às Reformas Estruturais (DG REFORM)**	3582039
Stella Kyriakides Membro da Comissão	CY	**comissária da Saúde e Segurança dos Alimentos** *(Commissioner for Health and Food Safety)* **DG Saúde e Segurança dos Alimentos (DG SANTE)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para os Consumidores, a Saúde, a Agricultura e a Alimentação (CHAFEA) *Organismos descentralizados:* Instituto Comunitário das Variedades Vegetais (ICVV) Centro Europeu de Prevenção e Controlo das Doenças (ECDC) Autoridade Europeia para a Segurança dos Alimentos (EFSA) Agência Europeia de Medicamentos (EMA)	3582030

Didier Reynders Membro da Comissão	BE	**comissário da Justiça** *(Commissioner for Justice)* **DG Justiça e Consumidores (DG JUST)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para os Consumidores, a Saúde, a Agricultura e a Alimentação (CHAFEA) Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA) *Organismos descentralizados:* Agência da União Europeia para a Cooperação Judiciária Penal (Eurojust) Procuradoria Europeia Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia (FRA) Serviço de Auditoria Interna (SAI)	3582031
Helena Dalli Membro da Comissão	MT	**comissária da Igualdade** *(Commissioner for Equality)* **Grupo de Trabalho para a Igualdade** **DG Justiça e Consumidores (DG JUST)** — em questões de Igualdade *Organismos descentralizados:* Instituto Europeu para a Igualdade de Género (EIGE)	3582033
Ylva Johansson Membro da Comissão	SE	**comissária dos Assuntos Internos** *(Commissioner for Home Affairs)* **DG Migração e Assuntos Internos (DG HOME)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para a Investigação (REA) *Organismos descentralizados:* Agência da União Europeia para a Formação Policial (CEPOL) Gabinete Europeu de Apoio em matéria de Asilo (EASO) Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT) Agência da União Europeia para a Gestão Operacional de Sistemas Informáticos de Grande Escala no Espaço de Liberdade, Segurança e Justiça (eu-LISA) Agência da União Europeia para a Cooperação Policial (Europol) Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira (Frontex)	3582035
Janez Lenarčič Membro da Comissão	SL	**comissário da Gestão de Crises** *(Commissioner for Crisis Management)* **DG Proteção Civil e Operações de Ajuda Humanitária Europeias (ECHO)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA)	3582036
Adina Vălean Membro da Comissão	RO	**comissária dos Transportes** *(Commissioner for Transport)* **DG Mobilidade e Transportes (DG MOVE)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para a Inovação e as Redes (INEA) *Organismos descentralizados:* Agência Europeia para a Segurança da Aviação (AESA) Agência Europeia da Segurança Marítima (EMSA) Agência Ferroviária da União Europeia (AFE)	3582032
Olivér Várhelyi Membro da Comissão	HU	**comissário da Vizinhança e Alargamento** *(Commissioner for Neighbourhood and Enlargement)* **DG Política de Vizinhança e Negociações de Alargamento (DG NEAR)**	3582029

Jutta Urpilainen Membro da Comissão	FI	**comissária das Parcerias Internacionais** *(Commissioner for International Partnerships)* **DG Cooperação Internacional e Desenvolvimento (DG DEVCO)**	3582037
Kadri Simson Membro da Comissão	EE	**comissária da Energia** *(Commissioner for Energy)* **DG Energia (DG ENER)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para as Pequenas e Médias Empresas (EASME) Agência de Execução para a Inovação e as Redes (INEA) *Organismos descentralizados:* Agência de Cooperação dos Reguladores da Energia (ACER)	3582038
Virginijus Sinkevičius Membro da Comissão	LT	**comissário do Ambiente, Oceanos e Pescas** *(Commissioner for Environment, Oceans and Fisheries)* **DG Ambiente (DG ENV)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para as Pequenas e Médias Empresas (EASME) *Organismos descentralizados:* Agência Europeia do Ambiente (AEA) **DG Assuntos Marítimos e Pescas (DG MARE)** *Agências executivas (parte correspondente):* Agência de Execução para as Pequenas e Médias Empresas (EASME) *Organismos descentralizados:* Agência Europeia de Controlo das Pescas (AECP)	3582040
—	UK[(8)]	—	—

(1) Comissão Europeia, *Comissários*, Cartaz «Um novo impulso para a democracia europeia», https://ec.europa.eu/commission/commissioners/sites/comm-cwt2019/files/team_attachments/globe-college-protocol-2019-2024_pt.pdf.
(2) Lista elaborada com base no documento «European Commission 2019-2024 — Allocation of portfolios and supporting services», de 7.11.2019, que a Comissão disponibiliza apenas em inglês,
Comissão Europeia, *European Commission 2019-2024 Allocation of portfolios and supporting services*, 7.11.2019, https://ec.europa.eu/commission/sites/beta-political/files/allocation-portfolios-supporting-services_en.pdf.
(3) Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*, «9.5. Estrutura administrativa da União Europeia: designações oficiais e ordem de citação», https://publications.europa.eu/code/pt/pt-390500.htm.
Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*, «9.6. Direções-gerais e serviços da Comissão: designações oficiais», https://publications.europa.eu/code/pt/pt-390600.htm.
(4) Serviço de Publicações, Código de Redação Interinstitucional, «10.7. Maiúsculas e minúsculas», https://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100700pt.htm.
Serviço de Publicações, *Código de Redação Interinstitucional*, «10.7.2. Minúsculas», https://publications.europa.eu/code/pt/pt-4100702pt.htm.
(5) Comissão Europeia, *Discurso do comissário Phil Hogan na Conferência dos Gabinetes de Competência em Banda Larga*, 26.9.2019, https://ec.europa.eu/agriculture/commissioner-speeches/pdf_pt.
(6) «3. (…) Os **membros da Comissão** são escolhidos em função da sua competência geral e do seu empenhamento europeu de entre personalidades que ofereçam todas as garantias de independência. (…)
6. O Presidente da Comissão:
a) Define as orientações no âmbito das quais a Comissão exerce a sua missão;
b) Determina a organização interna da Comissão, a fim de assegurar a coerência, a eficácia e a colegialidade da sua ação;
c) Nomeia vice-presidentes de entre os membros da Comissão, com exceção do Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança. (…)
7. (…) O Presidente, o Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança e os demais membros da Comissão são colegialmente sujeitos a um voto de aprovação do Parlamento Europeu. Com base nessa aprovação, a Comissão é nomeada pelo Conselho Europeu, deliberando por maioria qualificada.»,
Tratado de Lisboa que altera o Tratado da União Europeia e o Tratado que institui a Comunidade Europeia, assinado em Lisboa em 13 de dezembro de 2007, https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=celex:12007L/TXT.
(7) Comissão Europeia, *Comunicado de Imprensa*, «Comissão von der Leyen: uma União mais ambiciosa», 10.9.2019, https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/ip_19_5542;
«The von der Leyen Commission: for a Union that strives for more», https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_19_5542
«La Commission von der Leyen: pour une Union plus ambitieuse»,

https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/fr/ip_19_5542.
[8] As autoridades britânicas não indicaram nenhum nome para comissário britânico.

Vírus e viroides: nomes científicos e nomes comuns

Paulo Correia
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Os vírus e viroides têm uma estrutura bem definida. No seu interior existe um único tipo de ácido nucleico — ácido ribonucleico (vírus ARN ou ribovírus) ou ácido desoxirribonucleico (vírus ADN ou dexovírus) — envolvido por uma membrana proteica ou cápside (à exceção dos viroides). Mais importante, os vírus são parasitas intracelulares obrigatórios, isto é, a multiplicação do material genético viral apenas se dá se os vírus tiverem acesso a células de seres vivos. É assim natural que os nomes dos vírus sejam, geralmente, descritivos, incluindo o nome do organismo hospedeiro e/ou uma indicação dos sintomas característicos, ou ainda o local onde os seus efeitos foram pela primeira vez registados. Exemplos:

> vírus da imunodeficiência humana
> vírus da febre aftosa
> vírus do mosaico da cana-de-açúcar
> vírus do Nilo Ocidental

Os vírus são seres vivos?

> Sabe que os antibióticos não ajudam a combater as viroses?
> Os antibióticos são medicamentos muito úteis, devendo ser utilizados criteriosamente nas infeções provocadas por bactérias. Estes medicamentos não ajudam a resolver mais rapidamente as infeções virais e podem ter efeitos indesejáveis. Para além disso, nas viroses, os antibióticos podem ser mais prejudicais que benéficos.[1]

Não tendo os vírus qualquer atividade metabólica enquanto fora de uma célula hospedeira, debate-se mesmo se podem ser considerados seres vivos. A discussão prende-se com a própria definição de vida (*bíos*).

Deverão, então, as regras ortográficas aplicadas aos nomes comuns das «espécies botânicas e zoológicas»[2] — hífenes nas palavras compostas — aplicar-se igualmente aos nomes comuns dos vírus? De facto, estas regras ortográficas referem uma visão lexicográfica clássica, correspondente à taxonomia de Lineu (1735), que dividia a totalidade dos seres vivos entre plantas e animais, e que se refletia em questões como: as bactérias são plantas ou animais? Hoje a classificação taxonómica mais popular, herdada de Whittaker (1969), considera que os seres vivos se dividem em cinco reinos: animais, plantas, fungos, protistas (protozoários e cromistas) e moneras (bactérias e arqueias). Outras classificações alternativas organizam os seres vivos em seis, sete ou oito reinos, por subdivisão dos protistas e moneras, mas deixando vírus e viroides de fora.

Entre os atuais recursos lexicográficos parece haver um consenso generalizado para alargar aos **fungos** o disposto para as «espécies botânicas e zoológicas». Assim, os nomes dos cogumelos são geralmente registados com hífenes. Exemplos:

tortulha-de-calça
míscaro-cinzento
amanita-mata-moscas

Já quanto aos nomes comuns dos protozoários e das bactérias, os atuais recursos lexicográficos hesitam em aplicar-lhes o disposto para as «espécies botânicas e zoológicas»(3). Exemplos:

algas castanhas	*vs.*	algas-castanhas
algas douradas	*vs.*	algas-douradas
amiba histólica	*vs.*	amiba-histólica
bacilo de Koch	*vs.*	bacilo-de-koch
bacilo de Hansen	*vs.*	bacilo-de-hansen
estafilococo dourado	*vs.*	estafilicoco-dourado

Assim sendo, e hesitando-se mesmo a incluir os vírus entre os seres vivos, poderá, talvez provisoriamente(4), considerar-se os nomes dos vírus como não abrangidos pelas regras ortográficas das «espécies botânicas e zoológicas». Isto é, a grafia dos vírus não seria abrangida por essas regras. Exemplos:

vírus da imunodeficiência humana	*vs.*	(vírus-da-imunodeficiência-humana)
vírus da febre aftosa	*vs.*	(vírus-da-febre-aftosa)
vírus do mosaico da cana-de-açúcar	*vs.*	(vírus-do-mosaico-da-cana-de-açúcar)

Nomes científicos das espécies de vírus

De acordo com o código internacional de classificação e nomenclatura de vírus do **Comité Internacional de Taxonomia dos Vírus** (ICTV)(5), o sistema de classificação universal de vírus organiza-se hierarquicamente em ordens, famílias, subfamílias, géneros e espécies, escrevendo-se os nomes científicos das ordens, famílias, subfamílias, e géneros de vírus em latim e itálico. Exemplos:

- Ordem — la: ***-virales***
- Subordem — la: ***-virineae***
- Família — la: ***-viridae***
- Subfamília — la: ***-virinae***
- Género — la: ***-virus***

Quanto aos nomes científicos de **espécies** de vírus e viroides, o ICTV decidiu que seriam **em inglês e grafados em itálico**. A primeira palavra começa com uma letra maiúscula. As restantes palavras só começam com maiúscula se forem nomes próprios (incluindo nomes de género de hospedeiros, mas não nomes de género de vírus) ou identificadores alfabéticos. **O nome científico das espécies não deve ser abreviado**. Exemplos(6):

- O género *Iflavirus* inclui a espécie *Deformed wing virus*.
- Os membros da espécie *West Nile virus* são arbovírus.
- A espécie *Sandfly fever Naples phlebovirus* inclui vários vírus diferentes.
- Os agentes etiológicos da poliomielite (poliovírus tipos 1, 2 e 3) são membros da espécie *Enterovirus C*.
- O vírus Anadyr, o vírus Batai, o vírus Birao e muitos outros são membros da espécie *Bunyamwera orthobunyavirus*.
- Foi isolado um novo bacteriófago pertencente à espécie *Salmonella virus SP6*.
- *Rattus norvegicus polyomavirus 1* é uma espécie da família *Polyomaviridae*.

Os **nomes científicos** reconhecidos pelo ICTV para os vários táxones estão coligidos em ficheiro Excel disponível no portal do ICTV(7).

N.B.: As regras ortográficas dos nomes científicos são independentes da versão linguística utilizada.

Nomes comuns dos vírus

> «Names used for viruses should be those approved by the International Committee on Taxonomy of Viruses (ICTV) and reported on the ICTV Virus Taxonomy website. In addition, the recommendations of the ICTV regarding the use of species names should generally be followed: when the entire species is discussed as a **taxonomic entity**, the species name, as with other taxa, is **italic** and has the first letter and any proper nouns capitalized (e.g., *Tobacco mosaic virus*, *Murray Valley encephalitis virus*). When the behavior or manipulation of individual viruses is discussed, **the vernacular** (e.g., tobacco mosaic virus, Murray Valley encephalitis virus) should be used. If desired, synonyms may be added parenthetically when the name is first mentioned. Approved generic (or group) and family names may also be used.»(8)

As regras do ICTV para os nomes comuns dos vírus estão concebidas para a língua inglesa. Em inglês, os **nomes comuns dos vírus** (as coisas físicas manipuladas em laboratório ou que provocam doenças) escrevem-se de forma diferente da dos **nomes científicos das espécies** (construções lógicas que ajudam na classificação dos vírus)(6), ajudando a distingui-los graficamente.

O nome comum em inglês de um vírus nunca deve ser escrito em itálico, mesmo quando inclui o nome científico de uma espécie ou género hospedeiro, e deve ser escrito em letras minúsculas. As palavras que compõem o nome de um vírus, incluindo a primeira, só devem começar com maiúscula quando essas palavras são nomes próprios ou estão no início de uma frase. Podem ser escritas em maiúsculas letras isoladas que fazem parte do nome de vírus, incluindo designações alfanuméricas de estirpes.

Estas recomendações ortográficas do ICTV para os nomes comuns em inglês, podem ser aceites tal e qual para o português ou, já que não há possibilidade de confusão entre nome comum (português) e nome científico (inglês), poderão ser feitas algumas adaptações. É o caso dos nomes científicos de espécies ou géneros hospedeiros utilizados nos nomes de vírus, que poderão vir em itálico. Exemplos(6):

- Foi isolado o fago SE1 de *Salmonella*....
  - cf. Salmonella phage SE1 was isolated ....
- Foram obtidos isolados do vírus 2 da dengue....
  - Isolates of dengue virus 2 were obtained ....
- Deteção do vírus do Nilo Ocidental no soro humano ....
  - Detection of West Nile virus in human serum ....

N.B.: Os nomes dos vírus, sendo nomes comuns, têm equivalentes nas outras línguas. A forma descritiva dos nomes dos vírus facilita grandemente a criação, caso não existam ainda, de novos vernáculos nas diferentes línguas.

> vírus/viroide + sintomas + hospedeiro
> vírus/viroide + origem

Abreviaturas de nomes de vírus

Na maioria dos textos, os nomes de vírus são usados com muito maior frequência do que os nomes de espécies e podem ser abreviados (siglas).

Decorre das recomendações do ICTV que as abreviaturas correspondem aos nomes comuns dos vírus em inglês e não aos nomes científicos. Dois exemplos consultados na tabela Excel disponível na página *Virus Metadata Repository*(9):

Species	Exemplar or additional isolate	Virus name(s)	Virus name abbreviation(s)
Citrus psorosis ophiovirus	E	citrus psorosis virus	CPsV
Freesia sneak ophiovirus	E	freesia sneak virus	FreSV

Embora não haja regras do ICTV para as abreviaturas dos nomes comuns ingleses dos vírus, estas obedecem a alguns princípios gerais, como por exemplo:

- As abreviaturas devem ser o mais simples possível.
- Uma abreviatura não deve ser igual a nenhuma outra anteriormente cunhada e ainda em uso, podendo para tanto ser utilizadas também segundas, terceiras ou últimas letras.
- A palavra «*virus*» é abreviada como «V».
- A palavra «*viroid*» é abreviada como «Vd».

É prática generalizada utilizar **em todas as línguas** as abreviaturas (siglas) de nomes comuns ingleses dos vírus. Exemplos[(6)]:

- O vírus do mosaico dourado de *Sida ciliaris* (SCGMV) causa ....
    - Sida ciliaris golden mosaic virus (SCGMV) causes ....
- Os pulgões transmitem o vírus Y da batata (PVY).
    - Aphids transmit potato virus Y (PVY).

N.B.: Por convenção, utilizam-se as siglas inglesas dos nomes comuns dos vírus e viroides.

As vantagens das línguas mortas

A utilização do **latim** nos nomes científicos de géneros e espécies dos diferentes seres vivos não apresenta qualquer problema de tradução e editoração. As regras de escrita (sempre em itálico) são bem conhecidas e o facto de se utilizar uma língua morta dá um sinal claro de que os nomes em latim são para ser utilizados em todas as versões linguísticas de um documento. Um resumo das regras pode ser consultado no artigo «Da forma correta de escrever nomes científicos», publicado no n.º 21 d'«a folha»[(10)].

Já a utilização do **inglês**, uma língua viva, nos nomes científicos de espécies de vírus e viroides (não traduzíveis) e também nos nomes ingleses comuns dos mesmos (traduzíveis) introduz interessantes problemas, decorrentes de diferentes interpretações das regras de escrita refletidos, por exemplo, em diferentes versões linguísticas da legislação da EU.

O problema é ainda agravado se num original inglês não se utilizarem as regras ortográficas fixadas pelo ICTV (nomes científicos), cabendo aos tradutores — em função do **contexto** — determinar se um termo é utilizado como nome científico — não traduzir e juntar itálico — ou como nome comum — traduzir, sem itálico — mantendo eventual abreviatura. A existência de uma **abreviatura** junto do nome inglês pode ser também uma indicação de que o nome inglês é o nome comum e não o nome científico, pressupondo que as regras do ICTV foram observadas no documento.

A análise da legislação europeia revela que as regras do ICTV não são uniformemente interpretadas por redatores, peritos nacionais e tradutores e, consequentemente, não são uniformemente utilizadas nas diferentes versões linguísticas, começando pela versão em língua inglesa, quer nos nomes científicos dos vírus quer nos nomes comuns e respetivas abreviaturas.

Dois casos de estudo extraídos do Jornal Oficial

1) Diretiva 2000/29/CE do Conselho, de 8 de maio de 2000, relativa às medidas de proteção contra a introdução na Comunidade de organismos prejudiciais aos vegetais e produtos vegetais e contra a sua propagação no interior da Comunidade[(11)]

Verificadas todas as versões linguísticas da diretiva e usando-se como grelha de leitura as regras do ICTV, conclui-se que as versões linguísticas espanhola e estónia utilizam em todos os contextos os **nomes científicos das espécies de vírus** (isto é, com itálico). As restantes versões linguísticas utilizam sempre **nomes comuns** (isto é, sem itálico). Entre estas, umas usam nomes comuns na própria língua (en, hr, lv, lt, mt, pl, fi), outras nomes comuns de uma outra língua — o inglês — (bg, cs, de, fr, it, hu, nl, **pt**, ro, sk, sv) e outras ainda usam uma mistura de nomes comuns em inglês e na própria língua (da, el, sl) — fenómeno eventualmente potenciado pela tradução e revisão mais ou menos descontextualizada, segmento a segmento, com recurso a memórias de tradução(12). Nem todas as designações de vírus utilizadas na diretiva constam nas tabelas do ICTV (exemplos: pepper mild tigré virus e Florida tomato virus).

Dois trechos retirados desta diretiva:

a) Um contexto que indica tratar-se de **nomes de espécies de vírus**

es	lt	en
a) Insectos, ácaros y nematodos en todas las fases de su desarrollo	**a) Vabzdžiai, erkės ir nematodai visose jų vystymosi stadijose**	**(a) Insects, mites and nematodes, at all stages of their development**
Especies	Rūšis	Species
1. *Bemisia tabaci* Genn 2. *Giobodera pallida* (Stone) Behrens 3. *Leptiotarsa decemlineata* Say	1. *Bemisia tabaci* Genn. (Europos populiacijos) 2. *Globodera pallida* (Stone) Behrens 3. *Leptinotarsa decemlineata* Say	1. *Bemisia tabaci* Genn 2. *Giobodera pallida* (Stone) Behrens 3. *Leptiotarsa decemlineata* Say
b) Virus y organismos afines	**b) Virusai ir į juos panašūs organizmai**	**(b) Viruses and virus-like organisms**
Especies	Rūšis	Species
1. *Beet necrotic yellow vein virus* 2. *Tomato spotted wilt virus*	1. Runkelių gyslų nekrotinio pageltimo furovirusas 2. Pomidorų dėmėtojo vytulio virusas	1. Beet necrotic yellow vein virus 2. Tomato spotted wilt virus

Ficha técnica ICTV dos vírus referidos:

espécie	vírus (pt)	abreviatura	vírus (en)	IATE
Beet necrotic yellow vein virus	vírus da rizomania da beterraba	BNYVV	beet necrotic yellow vein virus	1196963
Tomato spotted wilt tospovirus	vírus do bronzeamento do tomateiro	TSWV	tomato spotted wilt virus	139316

b) Um contexto que indica tratar-se de **nomes comuns de vírus**

es	lt	en
7. *Bemisia tabaci* Genn. (poblaciones no europeas) portadoras de los virus siguientes:	7. Virusai, platinami *Bemisia tabaci* Genn. (ne Europos populiacijos)	7. *Bemisia tabaci* Genn. (non-European populations) vector of viruses such as:
a) *Bean golden mosaic virus* b) *Cowpea mild mottle virus* c) *Lettuce infectious yellows virus* d) *Pepper mild tigré virus* e) *Squash leaf curl virus* f) *Euphorbia mosaic virus* g) *Florida tomato virus*	a) pupelių auksinės mozaikos virusas b) pupelių silpnosios margligės virusas c) salotų infekcinės geltligės virusas d) paprikos silpnosios margligės virusas e) moliūgų lapų garbanės virusas f) karpažolių mozaikos virusas g) Floridos pomidorų virusas	(a) Bean golden mosaic virus (b) Cowpea mild mottle virus (c) Lettuce infectious yellows virus (d) Pepper mild tigré virus (e) Squash leaf curl virus (f) Euphorbia mosaic virus (g) Florida tomato virus

Ficha técnica ICTV dos vírus referidos:

espécie	vírus (pt)	abreviatura	vírus (en)	IATE
Bean golden mosaic virus	vírus do mosaico dourado do feijoeiro	BGMV	bean golden mosaic virus	235617
Cowpea mild mottle virus	vírus do marmoreado suave do feijão-frade	CPMMV	cowpea mild mottle virus	235618
Lettuce infectious yellows virus	vírus dos amarelos infecciosos da alface	LIYV	lettuce infectious yellows virus	235619
Squash leaf curl virus	vírus do encaracolado da abóbora	SLCuV	squash leaf curl virus	235621
Euphorbia mosaic virus	vírus do mosaico das eufórbias	EuMV	euphorbia mosaic virus	235622

2) <u>Diretiva de Execução 2014/98/UE da Comissão, de 15 de outubro de 2014, que dá execução à Diretiva 2008/90/CE do Conselho no se refere aos requisitos específicos aplicáveis aos géneros e às espécies de fruteiras referidos no anexo I, aos requisitos específicos aplicáveis aos fornecedores e às normas de execução relativas às inspeções oficiais</u>(13)

> *Apple mosaic virus* (ApMV), *Black raspberry necrosis virus* (BRNV), *Cucumber mosaic virus* (CMV), *Raspberry leaf mottle* (RLMV), *Raspberry leaf spot* (RLSV), *Raspberry vein chlorosis virus* (RVCV), *Rubus yellow net virus* (RYNV)

Tomando como exemplo o trecho anterior, extraído da versão inglesa, e usando-se como grelha de leitura as regras ortográficas do ICTV, a utilização do itálico e da maiúscula inicial parece indicar tratar-se de nomes científicos, mas pelo contrário a presença de abreviaturas aponta para nomes comuns, esses geralmente representados em letra redonda e minúscula inicial.

diretiva (versão inglesa)	nome científico ICTV	nome comum ICTV (em inglês)
Apple mosaic virus (ApMV)	*Apple mosaic virus*	apple mosaic virus (AMV)
Black raspberry necrosis virus (BRNV)	*Black raspberry necrosis virus*	black raspberry necrosis virus (BRNV)
Cucumber mosaic virus (CMV)	*Cucumber mosaic virus*	cucumber mosaic virus (CMV)
Raspberry leaf mottle (RLMV)	*Raspberry leaf mottle virus*	raspberry leaf mottle virus (RLMV)
Raspberry leaf spot (RLSV)	—	raspberry leaf spot virus (RLSV)
Raspberry vein chlorosis virus (RVCV)	—	raspberry vein chlorosis virus (RVCV)
Rubus yellow net virus (RYNV)	*Rubus yellow net virus*	rubus yellow net virus (RYNV)

Além dos desvios relativamente às convenções ortográficas do ICTV, dois dos vírus são representados na versão inglesa com os nomes das doenças de que são agentes. Acresce que os nomes de doenças em inglês não se escrevem em itálico. Verifica-se também que os nomes e abreviaturas utilizados na versão inglesa desta diretiva nem sempre correspondem às registadas no ICTV.

Verificadas todas as versões linguísticas da diretiva, conclui-se que na **versão portuguesa**, assim como nas versões fr, lt, lv, ro e sk, há uma maior aproximação às regras ICTV para os nomes comuns de vírus — vernáculo, redondo e minúscula inicial (passando também os nomes de vírus a nomes de doenças — apenas as versões **pt**, sk e ro). As versões cs, lv e ro explicam, mas em itálico e maiúscula inicial, a abreviatura inglesa. As versões es, hu e pl usam nomes vernáculos em itálico e minúscula inicial. Outras versões, como a inglesa e a croata, usam nomes vernáculos em itálico e maiúscula inicial. A versão finlandesa usa nomes comuns numa outra língua — o inglês — e maiúscula inicial. As restantes versões linguísticas, copiam a versão inglesa (incluindo também por vezes o vernáculo), não corrigindo nomes de doenças para nomes de vírus.

— O contexto deste trecho parece indicar **nomes de espécies**, mas a presença de abreviaturas indica **nomes comuns**

pt	ro	en
Pragas por género e espécie	Organisme dăunătoare pe genuri și specii	Pests per genera and species
***Rubus* L.**	***Rubus* L.**	***Rubus* L.**
Insetos	**Insecte**	**Insects**
Resseliella theobaldi	*Resseliella theobaldi*	*Resseliella theobaldi*
Bactérias	**Bacterii**	**Bacteria**
Agrobacterium spp. *Rhodococcus fascians*	*Agrobacterium* spp. *Rhodococcus fascians*	*Agrobacterium* spp. *Rhodococcus fascians*
Vírus	**Virusuri**	**Viruses**
Vírus do mosaico da macieira (ApMV), vírus da necrose do framboeseiro negro (BRNV), vírus do mosaico das cucurbitáceas (CMV), vírus do mosqueado da folha do framboeseiro (RLMV), vírus da mancha da folha do framboeseiro (RLSV), vírus da clorose das nervuras do framboeseiro (RVCV), vírus da mancha amarela de *Rubus* (RYNV)	Virusul mozaicului mărului (*Apple mosaic virus* — ApMV), virusul necrozei zmeurului negru (*Black raspberry necrosis virus* — BRNV), virusul mozaicului castravetelui (*Cucumber mosaic virus* — CMV), virusul marmorării frunzelor zmeurului (*Raspberry leaf mottle* — RLMV), virusul pătării frunzelor zmeurului (*Raspberry leaf spot* — RLSV), virusul clorozei nervurilor zmeurului (*Raspberry vein chlorosis virus* — RVCV), virusul mozaicului galben în formă de plasă (*Rubus yellow net virus* — RYNV)	*Apple mosaic virus* (ApMV), *Black raspberry necrosis virus* (BRNV), *Cucumber mosaic virus* (CMV), *Raspberry leaf mottle* (RLMV), *Raspberry leaf spot* (RLSV), *Raspberry vein chlorosis virus* (RVCV), *Rubus yellow net virus* (RYNV)

Ficha técnica ICTV dos vírus referidos:

espécie	vírus (pt)	abreviatura	vírus (en)	IATE
Apple mosaic virus	vírus do mosaico da macieira	AMV	apple mosaic virus	139298
Black raspberry necrosis virus	vírus da necrose do framboeseiro-negro	BRNV	black raspberry necrosis virus	3562537
Cucumber mosaic virus	vírus do mosaico das cucurbitáceas	CMV	cucumber mosaic virus	1005745
Raspberry leaf mottle virus	vírus do mosqueado da folha do framboeseiro	RLMV	raspberry leaf mottle virus	3562538
Rubus yellow net virus	vírus da mancha amarela de *Rubus*	RYNV	rubus yellow net virus	3562087

Enquanto a representação dos nomes científicos dos seres vivos com o sistema binomial de Lineu não levanta qualquer problema de identificação e tratamento nas diferentes versões linguísticas, o mesmo não se pode dizer dos nomes científicos dos vírus, que levam a grande dispersão de tratamento nas diferentes versões linguísticas, como demonstram os dois casos de estudo anteriores. A utilização de uma língua viva para representação de nomes científicos requer, assim, uma particular atenção. Mais uma vez, o **contexto** é fundamental para tradutores e editores.

Vírus e viroides na IATE

Estas diferentes interpretações refletem-se também, infelizmente, em muitas fichas IATE, onde nem sempre é feita uma distinção clara entre nome comum inglês (em redondo) — na **coluna en** — e nome científico (em inglês e em itálico) — que deveria estar na coluna do latim (**coluna la**), como é o caso dos nomes científicos dos seres vivos.

A posição do Grupo Interinstitucional de Taxonomia da IATE é a de que os nomes científicos dos vírus devem ser incluídos na coluna la, apresentando como exemplo a ficha IATE 2232048(14). No manual da IATE(15) recomenda-se que, havendo nome científico, o latim seja a língua-âncora da ficha.

Uma razão adicional para os nomes científicos das espécies de vírus estarem na coluna la é que todos os nomes científicos das ordens, famílias e géneros de vírus, esses em latim, estão também na coluna la.

Sendo a abreviatura inglesa ICTV aceite pelas restantes línguas, ela deverá ser incluída na **coluna multilinge (mul)**. O mesmo se passará para os códigos OEPP(16) (Organização Europeia e Mediterrânica para a Proteção das Plantas), anteriormente designados por «códigos Bayer».

Em resumo:

coluna la	**coluna pt**	**coluna mul**	**coluna en**
Nome científico do vírus (mesmo em inglês)	nome comum do vírus	abreviatura ICTV abreviatura OEPP	nome comum do vírus

Tal como na legislação, há igualmente fichas IATE em que se misturam nomes de vírus e nomes de doenças (a causa e o efeito numa única ficha).

Conclusões

Tal como para as espécies dos seres vivos, o nome comum de um vírus traduz-se, o nome científico não (tal como se faz quando os nomes científicos são em latim).

Ou, dito de outra forma, **num texto português**:

- os **nomes comuns dos vírus** são em **português**, em redondo e minúscula inicial;
- os **nomes científicos dos vírus** são em **inglês**, em itálico e maiúscula inicial.

ICTV	**versão en**	**versão pt**
nome científico	*Foot and mouth disease virus*	*Foot and mouth disease virus*
nome comum	foot and mouth disease virus	vírus da febre aftosa
nome comum (abrev.)	foot and mouth disease virus (FMDV)	vírus da febre aftosa (FMDV)(17)

Como ilustração desta abordagem, inclui-se em anexo um quadro com os nomes científicos, comuns e abreviaturas dos vírus e viroides citados no documento interno SANTE/2019/80582/01/01 da Comissão, seguindo-se para o português o Decreto-Lei n.º 82/2017, de 18 de julho(18) do Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, que estabelece o regime jurídico das fruteiras e cria o Registo Nacional de Variedades de Fruteiras, transpondo as Diretivas de Execução n.os 2014/96/UE, 2014/97/UE e 2014/98/UE, da Comissão — um bom exemplo de respeito das regras do ICTV.

Paulo.Correia@ec.europa.eu

Anexo — Ficha técnica ICTV dos vírus e viroides do documento SANTE/2019/80582/01/01

nome científico ICTV(7)	**nome comum pt DR(18)**	**abrev. ICTV(9)**	**nome comum en ICTV(9)**	**IATE**
Apple chlorotic leaf spot virus	vírus das manchas cloróticas da macieira	ACLSV	apple chlorotic leaf spot virus	3562554
Apple dimple fruit viroid	viroide do fruto picado da macieira	ADFVd	apple dimple fruit viroid	3562564
Apple mosaic virus	vírus do mosaico da macieira	AMV	apple mosaic virus	139298

Apple scar skin viroid	viroide da cicatriz da casca da maçã	ASSVd	apple scar skin viroid	3562562
Apple stem grooving virus	vírus do acanelamento do lenho da macieira	ASGV	apple stem grooving virus	1710070
Apple stem pitting virus	vírus do estriamento do lenho da macieira	ASPV	apple stem pitting virus	3562557
Apricot latent virus	vírus latente do damasqueiro	ALV	apricot latent virus	3563162
Arabis mosaic virus	vírus do mosaico de *Arabis*	ArMV	Arabis mosaic virus	228395
Black raspberry necrosis virus	vírus da necrose do framboeseiro-negro	BRNV	black raspberry necrosis virus	3562537
Blackcurrant reversion virus	vírus da reversão da groselheira-negra	BRV	blackcurrant reversion virus	3562594
Blueberry mosaic associated ophiovirus	vírus associado ao mosaico do mirtilo	BlMaV	blueberry mosaic associated virus	3582191
Blueberry red ringspot virus	vírus da mancha anelar vermelha do mirtilo	BRRV	blueberry red ringspot virus	3562598
Blueberry scorch virus	vírus da dessecação do mirtilo	BlScV	blueberry scorch virus	3562599
Blueberry shock virus	vírus do choque do mirtilo	BSV	blueberry shock virus	3562600
Blueberry shoestring virus	vírus do cordão de sapato do mirtilo	BSV	blueberry shoestring virus	3562597
Cherry green ring mottle virus	vírus do mosqueado anelar verde da cerejeira	CGRMV	cherry green ring mottle virus	3562589
Cherry leaf roll virus	vírus do enrolamento da cerejeira	CLRV	cherry leaf roll virus	139351
Cherry mottle leaf virus	vírus do mosqueado da folha da cerejeira	ChMLV	cherry mottle leaf virus	3562592
Cherry necrotic rusty mottle virus	vírus da necrose enferrujada da cerejeira	CNRMV	cherry necrotic rusty mottle virus	3562590
Chrysanthemum stunt viroid	viroide do nanismo do crisântemo	CSVd	chrysanthemum stunt viroid	228396
Citrus exocortis viroid	viroide da exocorte de *Citrus*	CEVd	citrus exocortis viroid	3562550
Citrus leaf blotch virus	vírus da mancha das folhas de *Citrus*	CLBV	citrus leaf blotch virus	3562549
Citrus psorosis ophiovirus	vírus da psorose de *Citrus*	CPsV	citrus psorosis virus	2223299
Citrus tristeza virus	vírus da tristeza dos citrinos	CTV	citrus tristeza virus	362168
Citrus variegation virus	vírus da variegação de *Citrus*	CVV	citrus variegation virus	3562541
Cucumber mosaic virus	vírus do mosaico das cucurbitáceas	CMV	cucumber mosaic virus	1005745
Gooseberry vein banding associated virus	vírus associado à faixa das nervuras da groselheira-verde[19]	GVBAV	gooseberry vein banding associated virus	3562085
Grapevine fanleaf virus	vírus do urticado[20]	GFLV	grapevine fanleaf virus	388322
Grapevine fleck virus	vírus do marmoreado da videira[21]	GFkV	grapevine fleck virus	3580173
Grapevine leafroll-associated virus 1	vírus 1 associado ao enrolamento da videira[22]	GLRaV1	grapevine leafroll-associated virus 1	3583021
Grapevine leafroll-associated virus 3	vírus 3 associado ao enrolamento da videira	GLRaV3	grapevine leafroll-associated virus 3	3583022
Impatiens necrotic spot tospovirus	vírus da mancha necrótica de *Impatiens*	INSV	impatiens necrotic spot virus	139357

Leek yellow stripe virus	vírus da faixa amarela do alho-francês	LYSV	leek yellow stripe virus	1710137
Little cherry virus 1	vírus 1 da cereja pequena	LCV1	little cherry virus 1	3582821
Little cherry virus 2	vírus 2 da cereja pequena	LChV2	little cherry virus 2	3582822
Myrobalan latent ringspot virus	vírus latente dos anéis do mirabólano	MLRSV	myrobalan latent ringspot virus	1710140
Olive leaf yellowing-associated virus	vírus associado ao amarelecimento das folhas da oliveira	OLYaV	olive leaf yellowing-associated virus	3582189
Onion yellow dwarf virus	vírus do nanismo amarelo da cebola	OYDV	onion yellow dwarf virus	1710144
Peach latent mosaic viroid	viroide do mosaico latente do pessegueiro	PLMVd(23)	peach latent mosaic viroid	3563166
Pear blister canker viroid	viroide do cancro pustuloso da pereira	PBCVd	pear blister canker viroid	3562559
Pepino mosaic virus	vírus do mosaico da pera-melão	PepMV	pepino mosaic virus	1868045
Plum pox virus	vírus da xarca	PPV	plum pox virus	890555
Potato leafroll virus	vírus do enrolamento da folha de batateira	PLRV	potato leaf roll virus	136966
Potato spindle tuber viroid	viroide do tubérculo em fuso(24)	PSTVd	potato spindle tuber viroid	1196996
Prune dwarf virus	vírus do nanismo da ameixeira	PDV	prune dwarf virus	114607
Prunus necrotic ringspot virus	vírus dos anéis necróticos de *Prunus*	PNRV	prunus necrotic ringspot virus	139191
Raspberry bushy dwarf virus	vírus do nanismo arbustivo do framboeseiro	RBDV	raspberry bushy dwarf virus	1038947
Raspberry leaf mottle virus	vírus do mosqueado da folha do framboeseiro	RLMV	raspberry leaf mottle virus	3562538
Raspberry ringspot virus	vírus dos anéis do framboeseiro	RpRSV	raspberry ringspot virus	201601
Rubus yellow net virus	vírus da mancha amarela de *Rubus*	RYNV	rubus yellow net virus	3562087
Strawberry crinkle cytorhabdovirus	vírus do frisado do morangueiro	SCV	strawberry crinkle virus	128475
Strawberry latent ringspot virus	vírus latente dos anéis do morangueiro	SLRSV	strawberry latent ringspot virus	264160
Strawberry mild yellow edge virus	vírus do marginado amarelo suave do morangueiro	SMYEV	strawberry mild yellow edge virus	1255841
Strawberry mottle virus	vírus do mosqueado do morangueiro	SMoV	strawberry mottle virus	3562520
Strawberry vein banding virus	vírus do marginado das nervuras do morangueiro	SVBV	strawberry vein banding virus	128473
Tomato black ring virus	vírus dos anéis negros do tomateiro	TBRV	tomato black ring virus	3562593
Tomato spotted wilt tospovirus	vírus do bronzeamento do tomateiro(25)	TSWV	tomato spotted wilt virus	139316

(1) Direção-Geral de Saúde, *Infeções Respiratórias Superiores: O Que Todos Devem Saber e Fazer*, https://www.dgs.pt/areas-em-destaque/infeccoes-respiratorias.aspx.
(2) Cf. n.º 3 da base XV do acordo ortográfico de 1990:
«Emprega-se o hífen nas palavras compostas que designam **espécies botânicas e zoológicas**, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *couve-flor*, *erva-doce*, *feijão-verde*; *bênção-de-deus*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *fava-de-santo-inácio*, *bem-me-quer* (nome de planta que também se dá à margarida e ao malmequer); *andorinha-grande*, *cobra-capelo*, *formiga-branca*; *andorinha-do-mar*, *cobra-d'água*, *lesma-de-conchinha*; *bem-te-vi* (nome de um pássaro)»,
Portal da Língua Portuguesa, *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*,

http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?action=acordo&version=1990.

(3) Cf. «Nomes de Espécies de Seres Vivos», *in* «a folha», n.º 35 — primavera de 2011, p.17, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha35_pt.pdf

(4) «Na região Sul do Brasil destacam-se, principalmente, os chamados vírus latentes da macieira:
Vírus-do-acanalamento-do-tronco-da-macieira — apple stem grooving virus (ASGV).
Vírus-das-caneluras-do-tronco-da-macieira — apple stem pitting virus (ASPV).
Vírus-da-mancha-foliar-da-macieira — apple chlorotic leaf spot virus (ACLSV).
Vírus-do-mosaico-da-macieira — apple mosaic virus (ApMV).
O vírus-do-mosaico-da-macieira pode produzir sintomas foliares em cultivares comerciais.»,
«Quais são os principais vírus da macieira?», *Fórum Lavoura 10*,
https://forum.aegro.com.br/question/943197640542130176/quais-s%C3%A3o-os-principais-v%C3%ADrus-da-macieira.

(5) Comité Internacional de Taxonomia dos Vírus (ICTV), *ICTV Code: The International Code of Virus Classification and Nomenclature*, «3. Rules of Classification and Nomenclature, I — General Rules», https://talk.ictvonline.org/information/w/ictv-information/383/ictv-code.

(6) Comité Internacional de Taxonomia dos Vírus (ICTV), *FAQs*, «How to write virus and species names», https://talk.ictvonline.org/information/w/faq/386/how-to-write-virus-and-species-names.

(7) Comité Internacional de Taxonomia dos Vírus (ICTV), *ICTV Master Species List 2018b.v2*, https://talk.ictvonline.org/files/master-species-lists/m/msl/8266.

(8) Sociedade Americana de Microbiologia, *Journal of Virology*, «For Authors: Nomenclature», https://jvi.asm.org/content/nomenclature.

(9) Comité Internacional de Taxonomia dos Vírus (ICTV), *VMR File Repository*, «Virus Metadata Repository: version September 9, 2019; MSL34», https://talk.ictvonline.org/taxonomy/vmr/m/vmr-file-repository/9234.

(10) «Da forma correta de escrever nomes científicos» *in* «a folha», n.º 21 — primavera de 2006, p. 9, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha21_pt.pdf.

(11) Diretiva 2000/29/CE do Conselho, de 8 de maio de 2000, relativa às medidas de proteção contra a introdução na Comunidade de organismos prejudiciais aos vegetais e produtos vegetais e contra a sua propagação no interior da Comunidade, https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32000L0029.

(12) Por exemplo, numa mesma listagem de vírus, na versão dinamarquesa, um nome em inglês e outro em dinamarquês:

«1. Beet necrotic yellow vein virus
2. Tomatpletvisnesygevirus»,

Rådets direktiv 2000/29/EF af 8. maj 2000 om foranstaltninger mod indslæbning i Fællesskabet af skadegørere på planter eller planteprodukter og mod deres spredning inden for Fællesskabet, https://eur-lex.europa.eu/legal-content/DA/TXT/PDF/?uri=CELEX:32000L0029.

(13) Diretiva de Execução 2014/98/UE da Comissão, de 15 de outubro de 2014, que dá execução à Diretiva 2008/90/CE do Conselho no se refere aos requisitos específicos aplicáveis aos géneros e às espécies de fruteiras referidos no anexo I, aos requisitos específicos aplicáveis aos fornecedores e às normas de execução relativas às inspeções oficiais, https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32014L0098.

(14) IATE, «vírus da doença da mancha branca», https://iate.europa.eu/entry/result/2232048.

(15) IATE, *User Handbook*, https://iate.europa.eu/assets/handbook.pdf.

(16) No caso de vírus e agentes similares, os códigos OEPP tomam a forma de códigos alfanuméricos de seis posições, geralmente baseados nas abreviaturas ICTV, completadas com zeros até se atingirem as seis posições. Exemplos:

- PPV000 vírus da xarca (PPV)
- GFKV00 vírus do marmoreado da videira (GFkV)

(17) Nada impede, porém, de se utilizarem abreviaturas portuguesas, como VFA para vírus da febre aftosa ou VIH para vírus da imunodeficiência humana. Estas abreviaturas serão mesmo recomendáveis em textos de divulgação dirigidos ao público em geral.

(18) Decreto-Lei n.º 82/2017, que estabelece o regime jurídico das fruteiras e cria o Registo Nacional de Variedades de Fruteiras, transpondo as Diretivas de Execução n.ºs 2014/96/UE, 2014/97/UE e 2014/98/UE, da Comissão, *Diário da República*, 1.ª série, n.º 137, 18 de julho de 2017, https://data.dre.pt/eli/dec-lei/82/2017/07/18/p/dre/pt/html.

(19) No Decreto-Lei n.º 82/2017: «Vírus associados ao vírus da faixa das nervuras da groselheira-verde (GVBaV)».

(20) «Vírus do urticado ou nó curto» no Decreto-Lei n.º 194/2006, que regula a produção, controlo, certificação e comercialização de materiais de propagação vegetativa de videira, transpondo para a ordem jurídica interna a Diretiva n.º 2005/43/CE, da Comissão, de 23 de junho, que altera os anexos da Diretiva n.º 68/193/CEE, do Conselho, de 9 de abril, relativa à comercialização dos materiais de propagação vegetativa da videira, https://data.dre.pt/eli/dec-lei/194/2006/09/27/p/dre/pt/html.

(21) No Decreto-Lei n.º 194/2006.

(22) No Decreto-Lei n.º 194/2006: «b) Doença do enrolamento da videira (Grapevine leafroll disease) — vírus associados 1 e 3 (GLRa-1 e GLRa-3)».

(23) No *VMR File Repository*: «PLMVd-pch».

(24) Despacho Normativo n.º 1/95, que transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva da Comissão n.º 93/17/CEE, de 30 de março, que determina as classes comunitárias da batata-semente base e as condições e designações aplicáveis a essas classes, https://data.dre.pt/eli/despnorm/63/1997/10/13/p/dre/pt/html.

(25) Despacho Normativo n.º 63/97, que atribui uma ajuda financeira a pagar pelo Instituto Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola (INGA) aos produtores de tomate afetados pelo vírus do bronzeamento do tomateiro (TSWV), https://dre.pt/application/file/a/667617.

Redação: Paulo Correia (Comissão); Valdemar Ferreira (PE); Manuel Leal (Conselho da UE); Victor Macedo (CESE-CR); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)
Grupo de apoio: Ana Luísa Faria (Conselho da UE); Hilário Leal Fontes (Comissão); Luís Seabra (Comissão); Susana Gonçalves (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Joana Seixas (CESE-CR)
Paginação: Susana Gonçalves (Comissão)
Envio de correspondência: dgt-folha@ec.europa.eu

Edição impressa: oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)
Edição eletrónica: sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/pt_magazine_pt.htm

Centro de Informação Europeia Jacques Delors
DGAE/Ministério dos Negócios Estrangeiros

A coleção completa d'«a folha» está disponível no catálogo em linha da Biblioteca Jacques Delors
https://infoeuropa.eurocid.pt/pesquisar/wti=(a+folha)+AND+(wfmt=se+OR+wfmt=an)/catalogo=bibliografico

«a folha» ISSN 1830-7809

ISSN 1830-780-9
9 771830 780004